Summer Under the Apple Tree

JOIN IN CIRCLES: Especulações sobre espaços de encontro

Leonor Talefe

Relatório de Projeto
Mestrado em Artes Plásticas – Intermedia
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Orientação: Aida Estela Castro
Setembro 2024

U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

Agradecimentos

Este projeto sobre encontros, nada seria sem todos os espaços de partilha e de encontro que foram surgindo e se foram criando ao longo destes últimos anos. Por todas as trocas e pratilhas que se porporcionaram, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas com quem me cruzei, e cruzo no meu di-a-dia.
Um obrigada a todos os que se continam a quer juntar, a encontrar, e a partilhar.

Aos meus pais, e às minhas irmãs, pelo apoio incondicional, por sempre acreditarem, e pelo amor. E *a toda a família*, *primos, tios e avós*, por serem um verdadeiro lugar de encontro e partilha.

Aos meus queridos amigos e amigas, que partilharam comigo o ateliê e estes anos de mestrado, pela força e dedicação, por querermos fazer sempre tudo juntos, e por estarem sempre atentos ao outro.

Aos amigos e amigas que conheci em Tallinn, pelos novos olhares e formas de ver as coisas, por relembrarem que tudo é possivel quando se quer, e pela amizade, pelo tempo partilhado e pelas coisas que fizemos juntos.

À Ju, pelo caminho partilhado com amor e amizade, que sempre nos junta.

À Joana, pela amizade que estes encontros me trouxeram, e que tem sempre uma mão a dar.

Ao Pedro, pelo amor e dedicação, e pelos momentos de fazer em conjunto que nos juntaram.

E por último, mas também muito importante, *à Aida*, pelo tempo dedicado e partilhado neste projeto, pelos encontros e conversas, e pela confiança.

Abstract

JOIN IN CIRCLES gives its name to the project and the map that initiated it. From the gathering of images/objects/things and the understanding of their material relationships, this title emerges. The project develops through a specific set of images that talk about gatherings. Encounters are also present in the constant action of gathering things and project a conscious attention to our surroundings. The encounter can also be understood as: the convergence between different elements (things/images/objects) and the process of association and transformation that all the components experience as a result of this intersection.

The project seeks to speculate on the moment in which something meets, but also on the space that is created by this encounter and how the transformations that take place there materialize. These transformations materialize in objects, images and spaces that refer to collective memory, trying to reach images that are common to us.

This document is a complement to the things built, whether conscious or intuitive. It functions as an extension of practical and material work and is also semi-autonomous in its development. There are definitions and denominations that have developed only in the writing of this document and are therefore subsequent to the practices and constructions. This document is therefore an attempt to shape, organize and project in text form a set of practices, thinking with and through them.

The writing is organized into three parts, each with its own function and involvement: ____*carrier bag* as a producer of meanings; ____*Folders/Maps/Diagrammes*; ____*experience/image/imaginary/drawing*. All the parts reflect the work processes developed throughout the project, framing their specificities and different perspectives. The first is about awareness of the work processes, the second about the artistic materializations of these processes and the third reports on the possible transformations that take place during the work process.

speculation / meeting spaces / transformation /
object-space / common meaning

Resumo

JOIN IN CIRCLES dá nome ao projeto e ao mapa que o iniciou. A partir da recolha de imagens/objetos/coisas e do entendimento das suas relações materiais, surge este título. O projeto desenvolve-se através de um conjunto específico de imagens que falam sobre encontros. Os encontros estão presentes também, na própria ação constante de recolher coisas, e projetam uma atenção consciente do que nos rodeia. O encontro pode ser também entendido como: a convergência entre diferentes elementos (coisas/imagens/objetos) e o processo de associação e de transformação que todos os componentes sofrem com este cruzamento.

O projeto procura especular sobre o momento em que algo se encontra, mas também sobre o espaço que se cria com esse encontro e como se materializam as transformações que aí acontecem. Estas transformações, materializam-se em objetos, imagens e espaços que remetem para a memória coletiva, procurando alcançar as imagens que nos são comuns.

Este documento é um complemento às coisas construídas, sejam estas conscientes ou intuitivas. Ele funciona como um auxiliar do trabalho prático e material, sendo que assume igualmente um desenvolvimento semi-autónomo. Há definições e denominações que se desenvolveram apenas na sua redação e, por isso, são posteriores às práticas e às construções. Este documento é então uma tentativa de dar forma, organizar e projetar em forma de texto um conjunto de práticas, pensando com e através delas.

A escrita organiza-se em três partes, cada uma com a sua função, e envolvimento: ____*carrier bag* como produtora de significados; ____*Pastas/MAPAS/DIAGRAMAS*; ____*experiência/imagem/imaginário/desenho*. Todas as partes refletem os processos de trabalho desenvolvidos ao longo do projeto, enquadrando as suas especificidades e diferentes perspetivas. A primeira é sobre a consciência dos processos de trabalho, a segunda sobre as materializações artísticas desses processos e a terceira elabora os relatos das possíveis transformações que acontecem durante o processo de trabalho.

especulação / espaços de encontro / transformação /
objeto-espaço / significado comum

13 Prefácio: ou abertura, entrada:
18 ~~~~ (texto-pensamento-statment)

21 Parte I_____carrier bag como produtora de significados
Modos de operar e processos de trabalho

23 (Intro)
~ CARRIER BAG ~
~uma introdução aos modos/gestos de operar, aos ritmos e processos de trabalho ~

25 (primeira parte)
~ sobre juntar, manter junto ~

27 (segunda parte)
~ carrier bag/contentor/recipiente ~

34 (terceira parte)
~ o círculo/ o ciclo (gathering-up – letting-go) ~

37 Parte II_____Pastas/MAPAS/DIAGRAMAS
Introdução às pastas, aos mapas, e aos diagramas

39 (Intro)

45 *_pasta 01*
~~JOIN IN CIRCLES~~

67 *_pasta 02*
~~catching a sun light~~

85 *_pasta 03*
~~THINGS THAT I KEEP BUT I DONT KNOW WHY~~

115 *_pasta 04*
~~uma história sobre o fogo~~fogareiros~~

121 Parte III_____experiência/imagem/imaginário/desenho
(texto-mecanismo produtor de símbolos)

123 *~~definições~~*

124 (intro)

126 *(Marca de um X feito com pedras no chão; "caminho a evitar")*

132 *(Quatro Potes de Cerâmica Conectados; quatro potes de cerâmica unidos entre si como um só)*

138 *(Nós que Unem)*

143 Considerações Finais

145 Bibliografia e Webgrafia
146 Bibliografia Consultada
146 Referências Artísticas

148 Anexos I
152 Anexos II

(Nota: Este projeto é composto por tudo o que me rodeia, pelas coisas que recolho e escolho guardar. Por isso agradeço a todos os que contribuíram (quase todos involuntariamente) com as vossas imagens e coisas que partilham com o mundo, com as quais tive o feliz acaso de me cruzar. Uma parte do material visual não foi identificado na sua origem, assim caso alguém saiba notar, sintam-se à vontade para partilhar comigo.)

Prefácio: ou abertura, entrada:

Há algo no "saber fazer" as coisas que sempre me despertou um grande interesse e me fez sentir capaz de fazer as coisas à minha maneira e medida. E mais do que saber fazer, foi o aprender com os outros que me foi dando vontade e gosto em aprender mais e fazer mais. Falo um pouco de tudo quando me refiro ao "saber fazer": desde saber coser um botão, a preparar uma refeição, a usar uma serra e fazer uma cadeira. Saber amassar o barro e a modelar uma taça; saber fazer uma fogueira e a mantê-la; saber preparar os alimentos e cozinhá-los. Este processo, de ir explorando, foi sempre um processo curioso, de querer entender os limites das coisas e do que podemos fazer com elas, e foi sempre um processo acompanhado, quer dizer coletivo. A curiosidade aliada à vontade de fazer, abriu espaço a que as coisas, os objetos, as imagens e as ideias fossem sendo recolhidas, construídas, agrupadas, dando origem a outras e a novas coisas. Ao mesmo tempo, abriu-se um espaço para que outras pessoas — estas que também tinham vontade de fazer e fazer em conjunto — se encontrassem nos seus processos e projetos, fazendo crescer o interesse e a partilha.

Esta recolha constante de conhecimento, de apetências e de coisas físicas no processo — possíveis matérias/materiais de trabalho— foi transportada também para uma dimensão digital. Para além do investimento no fazer manual e material, encontrou-se uma prática digital de pesquisa que se baseia em métodos muito semelhantes aos analógicos. A partir da navegação em plataformas digitais, fui recolhendo imagens, textos, livros, destacando diferente coisas que achava curiosas. Fui agrupando e guardando, dispondo em plataformas que servem para reunir e partilhar informação de formas muito específicas. Apercebi-me também que a rede digital se tornou essencial na minha forma de pesquisar e na operação das relações que se estavam a criar na pesquisa: pois é uma rede onde circula informação, que pode ser recolhida e agrupada. A organização e a "mecânica" de certas plataformas e websites, que funcionam como bibliotecas alternativas com diferentes lógicas de organização*[1], permitiu-me relacionar imagens e textos: através da associação de conteúdos, num exercício de aproximação, a partir de semelhanças visuais ou textuais.

1 Uma das plataformas/site que utilizei muito durante o meu projeto e que contribuiu muito para os métodos de pesquisar e conectar conteúdos: Are.na. 'Este é um ugar onde se pode guardar conteúdos, criar coleções ao longo do tempo e conectar ideias. (...) O Are.na é um espaço de atenção onde se pode trabalhar qualquer projeto ao longo do tempo. É um lugar para estruturar as suas ideias e construir novas formas de conhecimento em conjunto.' Uma breve descrição das possibilidades que esta plataforma permite, texto retirado de: https://www.are.na/about

1



2



3



4



5



Portanto na dimensão das recolhas e das partilhas, este projeto circula entre uma realidade mais física e material, de encontro com os objetos, e uma dimensão digital onde se partilha informação, imagens e conteúdos. Esta necessidade de continuar a partilhar conhecimento e experiências, ou seja, o que encontro, mantém-me a trabalhar de formas muito distintas.

Este projeto, que se irá apresentar, nasce um pouco deste ciclo de encontros – das pesquisas e da recolha –destes espaços partilhados e comuns e, também, de uma vontade de juntar, de fazer e de ser em conjunto*[2] . Entender as relações estabelecidas com o que nos rodeia como encontros, como trocas e possibilidades de novos diálogos, talvez venha deste universo partilhado.

O gesto de recolha, é um gesto que nos aproxima das coisas e dos outros. Através dele olhamos em redor com atenção, permitindo-nos reparar em certas coisas que não iriamos dar importância noutra circunstância. A partir deste gesto, apercebi-me de um outro que lhe estava associado, o gesto de encontro. Encontrar não pressupõe apenas, depararmo-nos com algo, mas sim reunir, trazer para junto, juntar.

Estes encontros acontecem a outros níveis entre diferentes elementos (coisas/imagens/objetos), sem que nós sejamos veículo dessas interações. Estas interações são materiais, virtuais, digitais, etc. Todos estes momentos de cruzamento de informação, são pontos de contacto entre nós e essas coisas, e das coisas entre si. Estes contactos são os encontros:

Um encontro é um espaço onde é possível duas ou mais coisas se reunirem.

Um encontro é um momento em que é possível duas ou mais coisas se cruzarem.

Um encontro é um momento em que duas ou mais coisas estabelecem uma relação, associando-se, contaminando o significado uma da outra, ou apenas permitindo que coabitem o mesmo espaço.

O encontro é o espaço que se cria neste momento de convergência entre coisas.

O encontro não é apenas algo se cruzar, é antes ter consciência das transformações provocadas com esse cruzamento.

O encontro pressupõe uma certa atenção ao momento em que acontece, e aos acontecimentos em redor.

O encontro pode ser um espaço de cuidado, e é um espaço de partilha.

2 Alguns projetos - de espaços partilhados, projetos coletivos - que fazem parte da minha biblioteca de referências e não podia deixar de referir:
Duas exposições de Thomas Hirschhorn: *"Flamme éternelle"* (2014), Palais de Tokyo, Paris,(imagem 1 e 2) e *«Bataille Monument»* (2002), Documenta 11, Kassel (imagem 3);
O projeto de Francis Alÿs: *Cuando la fe mueve montañas (When Faith Moves Mountains)*, 2002, Lima, Peru (em colaboração com Cuauhtémoc Medina e Rafael Ortega) (imagem 4) ;
O projeto de longa duração de Jeremy Deller, *Speak To The Earth And It Will Tell You*, 2007-2017, desenvolvido para o Skulptur Projekte Münster (imagem 5).

O projeto assume um espaço de especulação sobre encontros – como um momento no espaço-tempo – para entender e notar estes acontecimentos como um espaço de convergência, um meeting-point, onde ocorrem certas transformações: através de trocas e diálogos.

Este espaço para especular, é um espaço para testar e experimentar diferentes modos e gestos de operar, também dentro da minha prática artística. Especular sobre a forma como as coisas se confrontam quando se encontram; sobre o acontecimento das transformações aí geridas e sobre as possíveis materialidades que traduzem esses encontros. Que transformações podem ser essas que acontecem e que possíveis materialidades podem traduzir esses encontros. Estas materialidades artísticas são possíveis porque este é um espaço de especulação.

Esta construção e entendimento, surge a partir de um mapa de imagens: *JOIN IN CIRCLES*. De forma bastante literal, o título do projeto funciona como uma legenda do mapa e à proposta de pensar sobre uma evidência de nos juntarmos em círculos, sobre encontros. Como complemento às práticas artística e de pesquisas, este documento pretende refletir sobre o seu desenvolvimento e permite ampliar as ideias exploradas. A escrita desempenhou a função de (tentar) materializar, organizar e projetar em forma de texto um conjunto de práticas, pensando com e através delas. Assim, este projeto propõe especular sobre espaços de encontro. Sem criar definições, ou limites, mas sim ampliar as possibilidades de leitura e pensar no que pode ser um encontro. Abrir antes espaço, para se poder especular, imaginar e testar.

Os textos organizam-se em três partes, como se fossem três operações paralelas, que se complementam pelo desenvolvimento específico de cada uma.

Na Parte I_____*carrier bag como produtora de significados*, são introduzidos os modos de operar e processos de trabalho. Este texto desenvolve-se a partir da prática de recolha, como uma prática de pesquisa e de encontro com o que nos rodeia, como matéria de trabalho. Esta prática é relacionada com um objeto - *carrier bag* – e abordada através da perspetiva de Ursula Le Guin, deste objeto enquanto produtor de significados. Enquanto contentor, a *carrier bag*, tem a capacidade de colocar as coisas em relação umas com as outras, permitindo que se criem conexões entre elas. É por isso um espaço que gera transformações, num processo contínuo que não pressupõe uma resolução.

Esta ideia de continuidade, relaciona-se com o círculo, fazendo a ponte com a parte seguinte: Parte II_____*Pastas/MAPAS/DIAGRAMAS*. Aqui introduzem-se os conceitos de pasta, mapa e diagrama como ferramentas operativas no processo de trabalho. Organizada por *Pastas*, e cumprindo a função de agrupar num mesmo

espaço projetos e processos, esta parte do relatório expõe algumas materializações plásticas e artísticas.

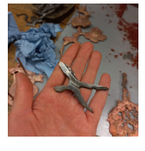
É a partir das coisas apresentadas nesta parte, que é possível ter uma visão mais aproximada das materializações de *espaços de encontro* e de diferentes modos de especular sobre como podem ganhar forma.

Por último, a Parte III_____*experiência/imagem/imaginário/desenho.* Composta por três textos, cada um associado a um *significado-símbolo*. Estes textos são relatos de processos de transformações. Ou seja, a partir de imagens e objetos concretos, o texto relata e acompanha as diferentes alterações que estes foram sofrendo no processo de trabalho. Estas alterações, são fruto dos encontros destas imagens/objetos/coisas com outras, e por vezes são alterações físicas e materiais, outras vezes são alterações de significados. Cada texto é acompanhado de um símbolo e respetivo significado, e relata a origem e desenvolvimento desse *significado-símbolo* associado. O texto funciona como um remate, que não procura encerrar, mas antes ampliar certas definições e denominações encontradas ao longo do processo. Deste modo, serve de ligação para a parte expositiva e instalativa do projeto, procurando dar ferramentas de leitura dos objetos e espaços construídos.

~~~~ *(texto-pensamento-statment)* são as ideias que definem o mote do projeto e orientaram a sua escrita. É um conjunto de palavras e imagens que propõe de forma ativa e afirmativa - as intenções que guiam o projeto.
~~~~

~ trying to write

about gatherings *,*

meeting  *points ~*

building a shelter 

of objects for

taking care  *~*

to pay  *attention ~*

handmaking ~ net 

blanket / carrier bag ~

~ uma tentativa de escrever e pensar sobre recolhas, sobre pontos de encontro ~ construir um abrigo a partir de objetos para cuidar ~ estar atenta ~ aprender a fazer, pelas minhas mãos ~ pensar e agir como um contentor que contém / uma rede que sustém, cobre ou abriga ~

Parte I_____*carrier bag* como produtora de significados

Modos de operar e processos de trabalho

(Intro)

~ CARRIER BAG ~

~uma introdução aos modos/gestos de operar, aos ritmos e processos de trabalho~

Para pensar este espaço, onde escrevo, onde penso, onde faço, como um contentor, um saco que carrega o que recolho, como um espaço cíclico, um espaço aberto à renovação, um espaço como um constante recolher e deixar ir, soltar, desprender.

*

Esta Parte I, dedica-se aos modos e aos gestos de operar que se evidenciam no percurso deste projeto, muitos dos quais já se incluíam na minha prática de trabalho. Nesta parte da escrita procurei tomar consciência de certos processos, assim como entender a influência que têm nos meus modos de estar, fazer e agir. Num processo de trabalho muito baseado na recolha — onde as *coisas** [3] encontradas moldam e guiam o trabalho — este texto divide-se em três partes referentes a essas mesmas etapas:

Uma primeira, sobre o ato de recolher, abrangendo coisas físicas, ideias, formas de fazer. Nesta tentativa quero perceber como é que o

3 Este termo 'coisa' é recorrente ao longo do texto, e refere-se a tudo o que é geral, ao que é palpável e também abstrato, refere-se às imagens, objetos e pessoas, às coisas sem nomes e as que não se quer nomear por abrangerem um leque vasto de possíveis algos, coisas. A sua tradução mais próxima/significativa talvez seja em inglês thing. Coisa como algo, alguma coisa: something, some thing.

O desenvolvimento escrito deste relatório, e o entendimento do processo de trabalho passou por várias leituras do ensaio de Le Guin, 'The Carrier Bag Theory of Fiction' (1986), e a autora utiliza muito o termo coisa (thing). Numa reflexão posterior concluo que talvez seja daí que adotei o termo, e o comecei a aplicar recorrentemente. (Exemplo no ensaio: 'I'm not telling that story. We've heard it, we've all heard all about all the sticks and spears and swords, the things to bash and poke and hit with, the long, hard things, but we have not heard about the thing to put things in, the container for the thing contained. That is a new story.' (Le Guin 1989) / Traduzido: 'Não estou a contar essa história. Nós já a ouvimos, todos nós já ouvimos tudo sobre todos os paus e lanças e espadas, coisas para espancar e perfurar e acertar, coisas longas e rígidas, mas ainda não ouvimos falar sobre a coisa para colocar as coisas, o contentor para a coisa contida. Esta é uma nova história.' (Le Guin, 2022, pp.13)

Algumas definições que ajudam a aproximar às possibilidades que a palavra abrange:
coisa (nome): 1. O que existe ou pode existir; 2. Objeto ou ser inanimado; 3. Acontecimento; 4. Assunto de que se fala ou trata; 5. Aquilo que se desconhece ou que causa inquietação ou desconfiança. "coisa", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, https://dicionario.priberam.org/coisa .
thing (noun): (OBJECT) used to refer in an approximate way to an object or to avoid naming it; a device, product, or part of nature that is not named: (IDEA/EVENT) used to refer in an approximate way to an idea, subject, event, action, etc.; (SITUATION)used to refer to the general situation; (ACTION) used to talk about a particular action, agreement, etc.; (ANY POSSIBILITY) an event, thought, subject of discussion, or possibility. 'thing', in Cambridge Dictionary https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/thing

Deixo a referência de um livro consultado, D*ocuments of Contemporary Art: The Object* (2014), uma antologia sobre o tema 'O Objecto', interessante para consultar sobre diferentes abordagens e perspetivas sobre a ideia de objeto. E alguns textos lidos sobre *things and objects* (coisas e objetos): Michel Serres and Bruno Latour, 'Where Things Ente into Collective Society', 1995 (Hudek 2014); Hito Steyerl, 'A Thing Like You and Me', 2012 (Hudek 2014).

recolher constante se reflete na forma de pesquisar.

Uma segunda parte, sobre a *carrier bag**[4] enquanto dispositivo, - a partir de um ensaio de *Ursula Le Guin**[5] , e outros textos relacionados - que, pela sua forma de recipiente/contentor, permite a criação de um espaço de conexões e transformação.

E uma terceira parte, como uma pequena conclusão, dedicada aos movimentos circulares e cíclicos. Fruto do pensamento da carrier bag como um espaço em processo contínuo, relaciono este projeto e os gestos de operar com essa ideia, como algo em aberto, sempre em circulação e transformação.

Este texto (___ *carrier bag como produtora de significados*) é a entrada no projeto através da forma de o pensar, criando também uma abertura para a parte seguinte(___*Pastas/MAPAS/DIAGRAMAS*): para o mapa de *JOIN IN CIRCLES*, e os ensaios práticos, que fazem parte do projeto.

*

4 Na edição traduzida, de 2022: Cesta

5 *Carrier Bag Theory of Fiction (1986)*

(primeira parte)

~ sobre juntar, manter junto ~

Ando sempre cheia de coisas atrás, como se precisasse de as manter por perto, para o caso de vir a precisar delas. Talvez por andar sempre com a cabeça e as mãos cheias, esteja constantemente a conectar o que encontro. Como se precisasse de continuar a manter as coisas juntas - as palavras, os pensamentos, as ideias, as memórias, as imagens.

Recolher é o ato de colher para si, de reunir coisas dispersas, de guardar, de pesquisar para juntar, reparar no que se encontra. Recolher é juntar, trazer para junto, reunir.

A recolha pressupõe uma procura ou, pelo menos, uma atenção mesmo que despreocupada em rastrear o que nos rodeia e que possa ser recolhido*[6]. Essa recolha pode ter várias origens: a necessidade de encontrar algo, a curiosidade. Pode também ter várias intensidades: o impulso, a rotina, uma obrigação ou uma escolha.

O ato de colher, ou recolher, presente na nossa história desde sempre, está ligado a questões de vivência, de sobrevivência, culturais e sociais. Está também presente na forma como recolhemos o nosso alimento, os recursos para a nossa subsistência e para o nosso desenvolvimento. E foi a nossa forma de irmos evoluindo e de nos inventarmos e reinventarmos. Desde os alimentos, e matérias, às ideias, e informação. Vamos imitando, copiando, replicando e reproduzindo, os gestos, as ações, os hábitos, de maneira a nos adaptarmos e moldarmos à forma como vamos crescendo. Este processo de recolha e associação é-nos intrínseco, e, poderá ainda ser para muitos, uma forma de estar, de ver, de observar e agir. É uma forma de aprender, vendo e fazendo.

Recolher (pesquisar) sem repararmos que o estamos a fazer.
(tentativas de seguir uma pesquisa não-linear - multiplicar os caminhos a seguir)

Há coisas que encontramos ocasionalmente. Coisas que mesmo que sem intenção nos captam a atenção. Este processo começou assim, como uma ação passiva, de recolher algo que se encontra pela simples vontade de guardar para si. O meu método de trabalho e de pensamento instala-se deste modo: a atenção dispersa, varre tudo o que a rodeia e começa aos poucos a focar-se em coisas que se relacionam entre si. Não como uma ação consciente muitas das vezes. Apesar de ser um ato comum, é pessoal a forma como o fazemos. Reflete a nossa forma de vemos as coisas (quando nos deparamos com o produto das nossas conexões e associações vamos conhecendo a forma de ver e pensar), e

6 (ver A RECOLETORA (https://arecoletora.com): um projeto colaborativo, de recolha e criação de um arquivo de plantas “selvagens” comestíveis. Através de uma pesquisa contínua, e mapeamento da vegetação espontânea comestível, este projeto pretende trazer estas plantas de volta ao nosso imaginário e quotidiano, tal como o conhecimento sobre elas.)

reflete-se na forma como vemos as coisas (a nossa forma de pensar e associar vai-se refletir nas escolhas que fazemos e no que escolhemos selecionar para criar conexões).

Pesquisar e procurar como uma ferramenta para potenciar o pensamento. Ou a construção. Tudo o que nos rodeia são referências. São pontos de contacto e relação entre elementos: entre nós e o que observamos. Algo que alguém disse, um pormenor que reparámos, algo que sentimos, uma memória.

As imagens comportam-se da mesma forma, são criadas e criam elementos de referência. Reproduzem, de uma outra maneira, a nossa forma de pensar, enquanto são também produto desse pensamento. É um movimento cíclico, um gerador de novos significados e relações. Através da pesquisa dispersa e muitas vezes rizomática, vão-se multiplicando as possibilidades de caminhos a seguir, ou então, as possibilidades de formas de pensar.

(segunda parte)

~ carrier bag/contentor/recipiente ~

Em *Carrier Bag Theory of Fiction* (1980)*[7] , Ursula Le Guin, define que a primeira ferramenta ou "dispositivo cultural"*[8] foi uma *carrier bag* – cesta, saco, para guardar e carregar coisas – e não uma lança, introduzindo uma nova narrativa em que o protagonista é a pessoa que recolhe e não a que caça. Este "dispositivo cultural" é introduzido pela autora, à qual Le Guin recorre, Elizabeth Fisher, em *Women's Creation: Sexual Evolution and the Shaping of Society* (1980), livro onde aborda e repensa a história da evolução humana, de um ponto de vista feminista. No seu ensaio, Le Guin, ao fazer esta proposta de introduzir uma nova narrativa, pretende não só abordar questões ligadas ao género, mas também reformular a história da tecnologia, ao mudar o herói como individual, para uma perspetiva coletiva, de um corpo plural, mais associado ao ato de recolher. A recolha, para a autora, está relacionada com o processo lento e metódico, de olhar para as coisas à nossa volta e perceber a sua importância e papel. Este gesto permite-nos realmente sermos humanos, como gesto que nos aproxima das coisas e dos outros. Este, por ser um gesto de procura e relação com as coisas e não de êxtase e rutura, é um contraste com o que se considera como "ser humano" na literatura e história associada a atividades e fazeres como a caça.

Para além disto, este ensaio relaciona a cesta à escrita de romances de ficção, mostrando-nos que as narrativas podem ser reescritas e adotar outras metodologias e conceitos. Como num saco, todas as coisas, situações e personagens, estão em relação, alterando-se, e produzindo novos significados. Esta relação acontece de uma forma horizontal, sem hierarquias e grandes desfechos, e em permanente transformação.

Trago este texto ao relatório por este último motivo, precisamente. A perspetiva de uma constante transformação, levou-me a considerar este objeto, o recipiente, como um espaço no qual procuro pensar o meu projeto, os seus processos de trabalho e os gestos que o operam. Encontrei nesta saca, neste recipiente, neste dispositivo cultural a possibilidade de um objeto-espaço.

7 Foram consultadas a edição: Le Guin, Ursula. 2022. 'A Ficção Como Cesta: Uma Teoria (1986)'. In *A FICÇÃO COMO CESTA: UMA TEORIA e Outros Textos*, translated by (traduzido por) Sofia Gonçalves, 2aed. pp.5–27. Dois Dias Edições; e a edição original, disponibilizada online: Le Guin, Ursula K. 1989. '(1986) The Carrier Bag Theory of Fiction'. In *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places*. pp.165–70. New York: Grove Press.

8 *The first cultural device was probably a recipient. (...) Many theorizers feel that the earliest cultural inventions must have been a container to hold gathered products and some kind of sling or net carrier.* (Fisher, 1980) Excerto inserido no ensaio de Le Guin, e traduzido em *A FICÇÃO COMO CESTA: UMA TEORIA e Outros Textos* (2022): "O primeiro dispositivo cultural foi provavelmente um recipiente… Muitos teóricos acreditam que as primeiras invenções culturais devem ter sido um recipiente para guardar produtos recoletados e algum tipo de bolsa ou rede para carregar coisas."

~~objeto-espaço~~ objeto que, pela sua capacidade reformuladora, permite criar um espaço físico ou mental para que algo aconteça; aqui a carrier bag, foi identificada, por Le Guin, como este objeto que é capaz de alterar e produzir significados e assim, permite-nos repensar vários conceitos e significados.

Podemos entender que um objeto é composto pela sua materialidade/ forma*, pela sua função/capacidade**, pelos gestos*** que lhe são inerentes (os de utilização predefinidos ou os que possibilita). São estas as coisas que permitem que se torne um objeto-espaço, em que este espaço pode ser físico ou mental, e é de especulação e produção de possibilidades.

*

Comecemos pelo objeto/espaço/coisa, a carrier bag como um espaço que permite juntar as coisas encontradas e reuni-las:

> *Uma folha uma cabaça uma concha uma rede uma bolsa um lenço um saco uma garrafa um pote uma caixa um contentor. Um suporte. Um recipiente*. (Le Guin, 2022, p.11)*[9]

> *The invention of the container can be seen as fundamental in the evolution of a large-brained, two-legged human being. It freed the hands for gathering and provided temporary storage for food such as nuts and fruits*. (Fisher, 1980, p.60)* [10]

Quando me cruzei com o ensaio de Ursula Le Guin pela primeira vez, não foi a forma* do dispositivo/recipiente que me chamou à atenção - sendo que a autora atribui diversas formas ao que chama de *carrier bag*: *uma folha, uma cabaça, uma concha uma rede uma bolsa, etc*...O que determinou a minha atenção foi antes a capacidade** destes objetos nas formas enumeradas, de guardar e armazenar, de serem o objeto que contém, e que permite a recolha de algo. Pensar estes objetos-espaços, tão diferentes, como possíveis contentores, abriu um espaço para questionar e imaginar as possibilidades deste dispositivo. Isso e o modo como Le Guin, a autora que segui, descreve o ato de recolha, o ato de juntar as coisas que se encontram através das coisas recolhidas e que se reúnem.

9 Na edição de 1986, no idioma original: *A leaf a gourd a shell a net a bag a sling a sack a bottle a pot a box a container. A holder. A recipient.(Le Guin, 1989)*

10 Trad. Livre: A invenção do contentor pode ser considerada fundamental para a evolução de um ser humano de duas pernas e cérebro grande. Libertava as mãos para a recolha e permitia o armazenamento temporário de alimentos como nozes e frutos.

> *Se for humano colocar uma coisa que se quer, porque é útil, comestível ou bonita, num saco, ou numa cesta, ou num pedaço de casca enrolada, ou numa folha, ou numa rede tecida com o teu próprio cabelo, ou no que se tiver à mão, e depois a levares contigo para casa, sendo a casa também um outro tipo de bolsa ou saco maior, um contentor para pessoas, e depois, mais tarde, pegares nela para a comeres ou compartilhares ou a guardares para o Inverno num recipiente sólido ou a colocares num frasco medicinal ou num santuário ou num museu, o lugar sagrado – o que contém o que é sagrado -, e, no dia seguinte, provavelmente, fizeres a mesma coisa de novo – se fazer isto é ser humano, se for isto o que é necessário fazer, então, afinal, sou humana. Totalmente, livremente, com alegria, pela primeira vez*. (Le Guin, 2022, p.17)

*

O gesto associado ao objeto, de reunir e juntar, como um gesto importante para que os encontros se concretizem:

Este contentor, que assume várias formas, leva-nos então a pensar em várias formas de recolher e juntar. Por esse motivo, antes de pensar no recipiente onde se guarda, e onde se juntam as coisas recolhidas, quis pensar no gesto associado a este recipiente - o gesto de recolher e de juntar. É um gesto de guardar, depois da recolha, que pressupõe uma certa atenção na reunião. (O gesto associado ao contentor, não tanto como um que vem antes do outro, mas sendo ambos necessários um para o outro. Recolher para guardar, juntar em algum lugar, quer também dizer que nos encontramos num espaço.)

TO GATHER

(Em português, esta palavra traduz-se para recolher, juntar, reunir. Esta definição tanto pode ser referente a recolher, coletar, como também a juntar coisas, a reunir pessoas, a encontros de pessoas.

Havendo também outras palavras para traduzir estes termos, gather engloba ambos os significados, tornando-se uma palavra importante para o meu processo de trabalho e para unir todas as coisas/objetos/ideias/pessoas, num mesmo espaço.)

Esta palavra, como é verbo, remete para duas ações, que antes entendia como significados separados:

Como gesto de recolha (a ação de encontrar algo, de recolher ou juntar; o gesto aliado à recolha constante de imagens, referências, objetos que fazem parte da pesquisa neste trabalho);

E como gesto de encontro (um gesto referente à reunião e encontro

de diferentes corpos, quer entre pessoas, ou entre pessoas e objetos. Este gesto como um momento, mas também como um espaço que se forma a partir dos corpos que se encontram).

TO GATHER, em inglês, refere-se igualmente ao ato de recolher e juntar, algo que se encontra ("He gathered some wood to build a fire"*[11] ; "(…) a container to hold gathered products (…)"*[12]), tal como igualmente se refere ao ato de nos juntarmos, e encontramos, enquanto reunião ("A crowd had gathered to hear her speak")*[13] .

Poderia referir-me a estas ações por estas palavras: o encontro, por um lado e a recolha. Mas encontrei neste termo – TO GATHER - uma outra forma, uma única palavra, que considero ser mais abrangente, de pensar as ações que medeiam a minha relação com as coisas. Com esta palavra - TO GATHER – estas duas ações tornaram-se claras como um só gesto, que as representa.

Para além disso, a palavra enquanto nome – *Gathering (noun)* que se traduz para reunião, encontro entre pessoas – permite-me pensar na ideia de encontro entre diferentes elementos, se for aliada à ideia de juntar e reunir. Cria a possibilidade de entender 'gathering' como um gesto de encontro e de entender os encontros como gesto de operar, de fazer.

Assim este termo - GATHERING - assumiu-se como um gesto só, como um gesto de operar, no meu processo de trabalho e na prática artística:

GATHERING como um gesto operativo e conceptual.

GATHERING como um gesto mediador da minha relação com as coisas e com os outros.

Transversal à minha prática artística, este gesto, refere-se à recolha constante de objetos, de imagens, de coisas, de referências, tal como aos ajuntamentos e aos encontros proporcionados por essa mesma recolha. Aos encontros que acontecem no espaço de ateliê, por exemplo, ou aos produzidos no meu pensamento. E aos encontros produzidos posteriormente, na construção de imagens, objetos, e na forma de os colocar num espaço novo.

*

11 Tradução livre: Ele recolhe lenha para fazer uma fogueira. Da definição de "gather verb (COLLECT)", em Cambridge Dictionary, https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/gather

12 *(…) um contentor para guardar alguns produtos recolhidos/coletados (…)* (trad. livre). Citação de Fisher, 1980, p.59

13 Tradução livre: Uma multidão juntou-se para a ouvir falar. Da definição de "gather verb (COME TOGETHER)", em Cambridge Dictionary, https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/gather

E por fim, objeto como um espaço produtor de significados:

Este objeto – *carrier bag* - é um contentor. É também por isso um suporte, um recipiente, mas não só para colocar e recolher coisas. Este objeto pode tornar-se um espaço para colocar *as coisas numa relação particular e particular entre si e connosco**[14] ; e num *processo contínuo**[15] de alteração, de adicionar e retirar – *an ongoing gathering-up and letting-go**[16] :

(Aqui recolhi e coletei citações, que demonstram as ideias apresentadas. Num exercício de recolha e encontro, esta sequência associa as ideias principiais que descrevem a *carrier bag* como um espaço que possibilita criar novos significados. Contêm *apontamentos gráficos* que contribuem para uma leitura orientada.)

> (…) *Chegaria ao ponto de dizer que a forma natural, apropriada e adequada do romance, pode ser a de um saco, de uma cesta. Um livro carrega palavras. As palavras guardam coisas. Transportam significados. Um romance é um frasco medicinal, que mantém as coisas numa relação particular e particular entre si e connosco*. (Le Guin, 2022, p.21)

> *Então, quando comecei a escrever romance de ficção científica, arrastava este incrível e pesado saco de coisas, o meu saco estava cheio de *fracos e desajeitados*, e de *minúsculos grãos de coisas mais pequenas que um grão de mostarda*, e de *redes intrincadamente tecidas* que, quando laboriosamente desenredadas, parecem conter *uma pedrinha azul*, *um cronómetro de funcionamento imperturbável que nos mostra as horas de outro mundo*, e* o crânio de um rato*; cheio de começos sem fim, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, (...)* (Le Guin 2022, p.23)

> *(...) Conflito, competição, stress, luta, etc., no contexto da narrativa concebida como saco/barriga/caixa/casa/frasco medicinal, podem ser vistos como elementos necessários de um todo que, em si, não deve ser caracterizado como sendo conflituoso ou harmonioso, uma vez que o seu propósito não é a resolução nem o êxtase, mas a de um processo contínuo.* (Le Guin, 2022, p.23)

14 Le Guin, 2022, p.21

15 Le Guin, 2022, p.23

16 Hundert, 2022

> *This idea of continuity without resolution is one of the most important elements of the carrier bag theory. Imagining human stories as linear conflicts is not only problematic, but also simply not true; it goes against what we know about life cycles, world cycles, the ongoing circling of the Earth. In the bigger picture of the "life story," there appear to be no fixed beginnings or endings—only changes.* (Hundert, 2022)* [17]

Apercebi-me mais tarde, ao reler o ensaio de Ursula Le Guin, que o que estava realmente à procura, e que fazia sentido naquele texto, era entender o objeto como produtor de significados. Em *Carrier Bag Theory of Fiction*, Le Guin compara ou relaciona a narrativa a este dispositivo, repensando o modo de a construir e entender quando esta funciona como uma cesta e não como uma lança. A narrativa como um processo contínuo, na qual tudo se encontra ao mesmo nível de relação: as coisas, os enredos, as personagens, as histórias, as intenções; e como as coisas se contaminam e conectam, e se transformam através das associações horizontais estabelecidas, neste espaço.

A ideia de que a narrativa (ou mais especificamente o romance de ficção, como refere a autora) é um *saco/barriga/caixa/casa/frasco medicinal*, revela um dispositivo que possibilita criar um espaço de *transformação** [18] , de trocas, resultante dos encontros e convergências entre coisas, imagens e objetos nesse espaço.

Foi neste processo contínuo - que não é de resolução nem êxtase – que revi a minha forma de trabalhar. Este processo, de encarar as coisas que encontro como motores para pensar e para construir novas coisas, e de entender que essas coisas – encontradas e guardadas – todas habitam o mesmo imaginário e são matéria de e para o trabalho. O projeto é então encarado como um processo contínuo, que toma forma neste texto e na exposição a apresentar, sendo estas formas apenas uma possibilidade entre muitas outras, de materializar estas *transformações*. Esta forma assumida, que talvez não se volte a repetir, é importante para a continuidade deste e de outros projetos. Porque estas formas — o texto e a exposição — são como pequenas pausas nesse processo contínuo, e projetam determinadas maneiras de pensar e materializar as coisas. Estas pausas são também elas produtoras de novos significados, e alimentam o processo contínuo que é a minha prática artística.

Tornou-se necessário pensar em que espaço/objeto/gesto acontecem estas *transformações* – e que formas poderiam assumir no meu projeto - e qual o potencial do mesmo, para o poder pensar. Talvez este espaço, que se formula como uma *carrier bag*, ou um romance para Le Guin, não tenha um corpo físico definido, e seja um lugar no meu pensamento onde essas trocas ocorrem. É, certamente um espaço de encontro, onde várias coisas convergem, e entram em relação. Dessa maneira, a sua forma vai-se aproximar de um modo de pensar, estabelecido também em diagramas e mapas mentais.* [19]

Também nós arrastamos o nosso saco, cheio das coisas que recolhemos, para assim carregarmos connosco todas as coisas que encontramos. Este é um saco grande e fundo, onde tudo fica misturado. Como em qualquer saco cheio de coisas, há umas que se perdem lá no meio, e aquelas que encontramos mais tarde. A nossa cabeça, e neste caso, a minha, é também como este saco que arrasto sempre comigo, cheia de ideias, pensamentos, notas, dúvidas e desejos. É onde vou guardando o que vejo, oiço, imagino e penso e, como num saco cheio de coisas, todas estas entidades vão-se misturando e transformando. Num ciclo, num processo contínuo de absorção e filtração, de produção e transformação, as coisas vão-se modificando e alterando. Para além disso, talvez também sejam os objetos em si, os que produzo e construo, a real expressão da *carrier bag* como fruto de todas as referências que os antecedem. Ou então, neste o *JOIN IN CIRCLES** [20] tenha sido a primeira *carrier bag*. Esta contaminação, que vai de fora para dentro, da cabeça, às mãos e de novo para fora, acompanha este ciclo de transformação.

17 Tradução livre: 'Esta ideia de continuidade sem resolução é um dos elementos mais importantes da teoria da cesta. Imaginar as histórias humanas como conflitos lineares não só é problemático, como também simplesmente não é verdade; vai contra o que sabemos sobre os ciclos da vida, os ciclos do mundo, a contínua circulação da Terra. No quadro mais alargado da "história de vida", parece não haver inícios ou fins fixos - apenas mudanças.'

18 ~~*transformação*~~ este é um processo resultante do encontro entre elementos/coisas/corpos no mesmo espaço; este encontro que coloca os elementos em relação, provoca um cruzamento entre eles; desta ligação por proximidade, choque ou semelhança, há uma troca entre os elementos, uma conexão entre eles que faz com que se transformem – tal como nós que, ao crescermos, somos feitos de tudo o que nos altera ao longo da vida, não deixando de ser quem se era no início, agora somos feitos das transformações que fomos sofrendo, das associações e conexões que criámos, do que fomos perdendo e ganhando.

19 MAPAS/DIAGRAMAS, Parte II, p.40

20 JOIN IN CIRCLES_mapa, Parte II, p.46-47

(terceira parte)

~ o círculo/ o ciclo (gathering-up – letting-go) ~

> *The truer story, she argues, can be represented better as a carrier bag, an ongoing gathering-up and letting-go, (...)*[21]
> (Hundert 2022)
>
> *Maybe the only certainty is revolution: the Earth continues to follow its path around the Sun. That perpetual state of revolving is not what most people first imagine when they hear the words "revolution" or "movement.*[22] (Hundert 2022)

Encontrei no texto da Anna Hundert*[23] , algo que faltava entender no ensaio de Le Guin: esta ideia de revolução*[24] como um estado perpétuo de movimento, e de continuidade, aliada à ideia de contínuo recolher e deixar ir.

A revolução como um movimento perpétuo pensada nesta escala, a da órbita de um corpo celeste, e da sua trajetória contínua e constante, abre espaço para procurar também nas ações mais comuns do dia-a-dia esta ideia de movimento. Afirmar que a única certeza que temos é a de que a Terra continua a seguir a sua trajetória à volta do Sol, talvez nos dê uma oportunidade de pensarmos no movimento perpétuo de rotação como uma forma de estar e de agir. Esta é uma perspetiva de que os acontecimentos (as comunidades, os corpos sociais, as nossas interações com outros corpos e elementos) têm uma continuidade, e estão efetivamente em mudança e transformação.

Associo a forma do círculo, o seu movimento circular e as imagens circulares à ideia de um espaço de encontro. É assim que entendo os encontros: esta forma circular, que traduz uma ideia de movimento

21 "A história mais autêntica, argumenta ela, pode ser melhor representada como uma cesta, um continuo recolher e deixar ir, (...)" (trad. livre, Hundert 2022)

22 "Talvez a única certeza seja a revolução: a Terra continua a seguir a sua trajetória à volta do Sol. Esse estado perpétuo de rotação não é o que a maioria das pessoas imagina quando ouve as palavras "revolução" ou "movimento". (trad. livre, Hundert 2022)

23 A autora, através de uma abordagem mais política, utiliza a metáfora da carrier bag para refletir sobre as constantes mudanças sociais e políticas que aconteceram, e acontecem neste momento, mantendo esta perspetiva construtiva de perpétuo movimento e continuação e revolução das coisas: *While a political "revolution" technically requires sudden regime changes by definition, even then, the real changing of communities and social structures is always continuous, evolving; it seems that regimes are not complete stories. While every example has its nuances and symbols (…) the truth remains that change is never linear, never all at once, and never entirely predictable. It's also never finished.* (Hundert, 2022)

24 revolução (*nome feminino*): 1. [Astronomia] Marcha circular de um corpo celeste no espaço, em torno de um outro; 2. [Astronomia] Período de tempo que os corpos celestes empregam em percorrer a sua órbita; 3. [Física] Movimento de um móbil que percorre uma curva fechada. "revolução", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, https://dicionario.priberam.org/revolu%C3%A7%C3%A3o

cíclico e contínuo, e por isso de contínua transformação. E talvez esta continuidade nos permita criar um espaço de encontro, tornando-se o ambiente ideal para criar conexões, para criar relações.

Em forma de código ou legenda, o projeto adotou o nome de *JOIN IN CIRCLES*, uma nota para pensar o círculo/ciclo como uma proposta de encontro. Por esse motivo e associação, talvez possamos afirmar que, apesar de tudo, nos iremos continuar a juntar em círculos, assim como a encontrarmo-nos, a dar e a receber, num ciclo, numa órbita, num movimento perpétuo de cuidado, de atenção. É um espaço para o improviso, para a tentativa erro, e para ser moldado à nossa medida. E permite à nossa imaginação transformar-se, alterar e inventar.

Parte II_____*Pastas/MAPAS/ DIAGRAMAS*

Introdução às pastas, aos mapas e aos diagramas

(intro)

Sobre a forma de olhar para as coisas, as diferentes leituras e as novas relações/diálogos que se criam.

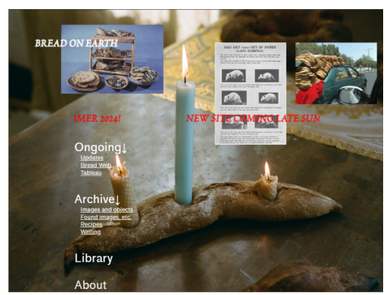
Se pensarmos num arquivo/conjunto de imagens como um organismo vivo em constante relação e diálogo, conseguimos aproximar-nos da forma como as nossas ideias se relacionam umas com as outras. Através deste movimento, de recolha contínua e por associação*[25] , fui construindo um mapa de imagens que traduziam o meu pensamento. Fui pensando com elas. E a partir delas, este projeto - *JOIN IN CIRCLES* – tornou-se um espaço de especulação sobre os encontros gerados por estas imagens: um espaço para olhá-las de perto, onde pudessem coabitar e assim gerar novas relações.

As imagens têm força, têm matéria e provocam as suas próprias relações, e só a posteriori são mais ou menos conduzidas pelos poderes humanos. Pela força que contêm, e pela nossa vontade de relacioná-las, as imagens transformam-se ou criam um novo significado quando estão em contacto. Este comportamento – conexão e ligação - provoca uma coabitação entre elas, sendo que me parece ser aqui que as transformações acontecem.

Nesta parte (_____*Pastas/MAPAS/DIAGRAMAS*) estão contidas as metodologias das práticas artísticas e das pesquisas, e alguns dos produtos deste processo.*[26] Organizado por pastas, por mapas e diagramas, encontramos as imagens, textos e ideias que acompanharam e contribuíram para o desenvolvimento do projeto.

25 Introdução do *Cyber Feminism Index*, em que Laura Coobs se refere como 'coletora' e não editora dos textos que compõe a publicação, e fala sobre a forma de organização da mesma. *When Laura Coobs, the designer of the book, pointed out the byline for the book Pleasure Activism (2019), "written and gathered by adrienne maree brown", I began to see myself in the term "gatherer" as well. For this reason, byline of this publication uses "gathered" as well. As a container, it is more than just the sum of its parts; the book is the site around which its public forms, and a place in which to gather that public.*
(…) This publication is also intended to be accessible to a wide range of audiences, from experts to newcomers – to all who are curious about the early years of the internet. It aims to broaden this readership by organizing, connecting, and citing short excerpts from over 700 projects so that any and all interested people may develop their own associative links and collections with this toolkit. (Seu, 2023)
Tradução livre: *Quando Laura Coobs, a designer do livro, chamou a atenção para a byline do livro Pleasure Activism (2019), 'escrito e coletado by adrienne maree brown', comecei a ver-me também no termo 'coletora'. Por esta razão, a byline desta publicação também usa "gathered". Como contentor, é mais do que a mera soma das suas partes; o livro é o local em torno do qual se forma o seu conteúdo, e um local para reunir esse conteúdo. (...) Esta publicação pretende também ser acessível a um vasto leque de audiências, desde especialistas a recém-chegados - a todos os que têm curiosidade sobre os primeiros anos da Internet. Pretende alargar este público, organizando, ligando e citando pequenos excertos de mais de 700 projetos, para que todos os interessados possam desenvolver as suas próprias ligações associativas e coleções com este conjunto de ferramentas.*"

26 (imagem 6)(captura de ecrã, página principal do site) *Bread on Earth* é um arquivo vivo e um projeto de pesquisa fundado por Lexie Smith. A sua pesquisa e as imagens que partilha exploram 'o potencial do pão como instrumento de mediação social, política, económica e ecológica'. As suas partilhas da pesquisa tem acompanhado e influenciado também os meus processos de pesquisa. https://bread-on.earth/



6

As Pastas são pastas literais: umas digitais em plataformas, outras de armazenamento no computador. As imagens e documentos guardados nestas pastas, chegam a elas através do gesto de recolha e de juntar coisas consideradas semelhantes – que estão associadas umas às outras por um motivo. São pastas de organização de imagens que traduzem ideias, e são guardadas já com o intuito de serem vistas como num mapa, umas em relação com as outras. (Na relação com esta organização, de referências e imagens em pastas, que antecedem e acompanham o projeto, está a organização da exposição *The Milk of Dreams**[27] . A acompanhar a exposição, foram montadas cinco seções históricas, compostas por constelações de objetos artísticos e documentos, que exploravam os temas principais da exposição. Denominadas de cápsulas do tempo, estes espaços funcionavam como uma teia de referências que ligavam trabalhos artísticos do passado, às peças apresentadas no espaço da bienal.*[28])

As imagens/elementos/objetos guardadas nestas pastas, ou noutros contentores, contribuem para a construção dos *MAPAS* físicos. Os *DIAGRAMAS* são uma forma de organização de ideias, de visualizar através de palavras, as ideias que as imagens e as ações não tão concretas pretendem transmitir. (Esta mudança de suportes, a respeito de uma determinada prática, é muito explorada por Batia Suter em vários dos seus projetos. No caso de *Surface Series (Table Selection)**[29], seleciona em livros, uma série de imagens, e transporta essas imagem (enquanto página de livro) para um outro suporte, uma mesa. Utiliza o mesmo método de pesquisa e seleção de imagens, que poderia acontecer online, em sites e links, e guardadas em pastas, mas fá-lo em livros. E enquadra-as num outro espaço, onde são colocadas em relação entre si, da mesma forma que pegaria em imagens digitais de diferentes sites, e as colocasse todas no mesmo documento em contacto.)

*

MAPAS/DIAGRAMAS

O mapa é uma ferramenta de navegação e uma ferramenta de montagem e construção. Tal como Warburg*[30] , organizava imagens de origens e contextos diferentes, num mesmo suporte, de forma a se confrontarem umas com as outras – denominava essa montagem como prancha (*plates*) – no meu projeto, essas *pranchas* são os *MAPAS*. Funcionam como *moodboards* de referências visuais e conceptuais – representações imagéticas do pensamento. Os mapas são um espaço de coabitação das imagens. Colocadas juntas, estes conjuntos de imagens adquirem uma determinada organização, em relação umas com as outras. O processo de relacionar várias imagens, assume-se como um esquema de montagem, uma leitura entre camadas e uma forma de criar e procurar um certo padrão e organização de ideias.*[31] Como um mapa que orienta o caminho a seguir, estes mapas, constroem e contribuem para a formalização do meu imaginário. Através das imagens recolhidas, o mapa é como um puzzle, é um conjunto feito por partes. Todas as vezes que reorganizo os meus mapas, criam-se relações diferentes entre as imagens e ideias presentes. Os mapas permitem-me reorganizar e continuar a associar permanentemente novas imagens, construindo novas leituras do seu conjunto, levando a novos projetos.

O diagrama é uma representação visual, simplificadamente estruturada de um determinado conceito ou ideia, como um esquema. Como um mapa mental, é também uma ferramenta de construção, neste caso do pensamento e das ideias. Através destes diagramas consigo perceber que cruzamentos se criam e existem, não só entre conceitos e ideias, mas também imagens, ações e objetos que comportam um determinado significado.

*

Espaço (expositivo) como um diagrama de relações entre imagens/objetos.

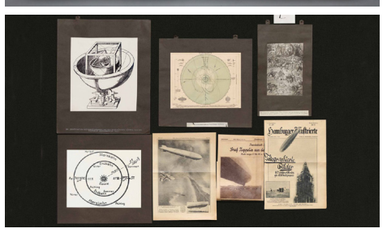
Um dos exercícios dos projetos foi pensar como é que os diferentes elementos se colocam uns ao lado dos outros, em relação entre si. Ou seja, tal como nos mapas e diagramas, quando uma imagem ou conceito são colocados ao lado de outros, estabelece-se uma troca de informação entre eles. Uma associação que adiciona um significado novo. Uma imagem mais uma imagem é igual a uma terceira, a conexão do significado das duas.

É principalmente no espaço (expositivo ou instalativo, de instalar coisas de uma forma especifica e em relação) que as especulações sobre encontros se testam. Como se o espaço fosse uma etapa final. Primeiro os mapas de imagens e referências, e os diagramas de ideias possíveis. Depois a transformação material dessas imagens e objetos, e por último o seu encontro num espaço físico para que entre eles se possam criar outras conexões. Como num diagrama, acrescentam algo uns aos outros.

7



8



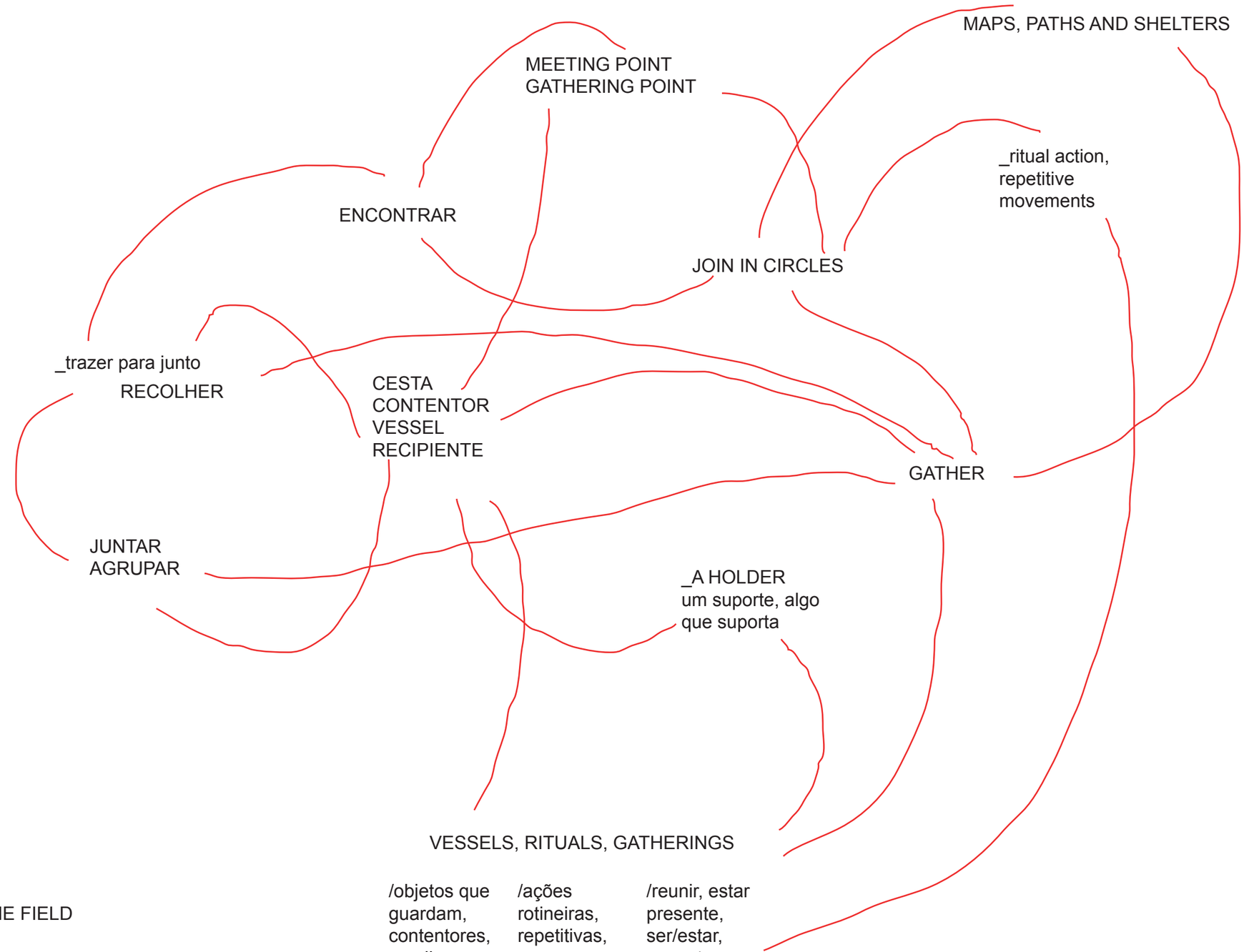
27 *The Milk of Dreams*, Bienal de Veneza, 2022

28 Sobre a estrutura da exposição e as cápsulas do tempo, em *The Milk of dreams, Biennale Arte 2022, Short Guide*, p.45-46.

29 Batia Suter: *'Surface Series (Table Selection)',* (2010-2011) (imagem 7)

30 Aby Warburg, *Panel C, Mnemosyne Atlas*, 1929. (imagem 8)

31 Performance 'Lecture Opera': Joëlle Tuerlinckx, *«THAT'S IT!» + 3 free minutes* (2014). Sobre o Projeto: https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/bmw-tate-live-2014/bmw-tate-live-joelle-tuerlinckx



CATCHING A SUN LIGHT

NOTES FROM THE FIELD

__um dos últimos diagramas, de *JOIN IN CIRCLES*

_Pasta 01

~~JOIN IN CIRCLES~~

O mapa, o projeto e a sua projeção


A PROJECT FOR THE WIND
When Faith Moves Mountains
This is where it happened.

~~JOIN IN CIRCLES_mapa~~

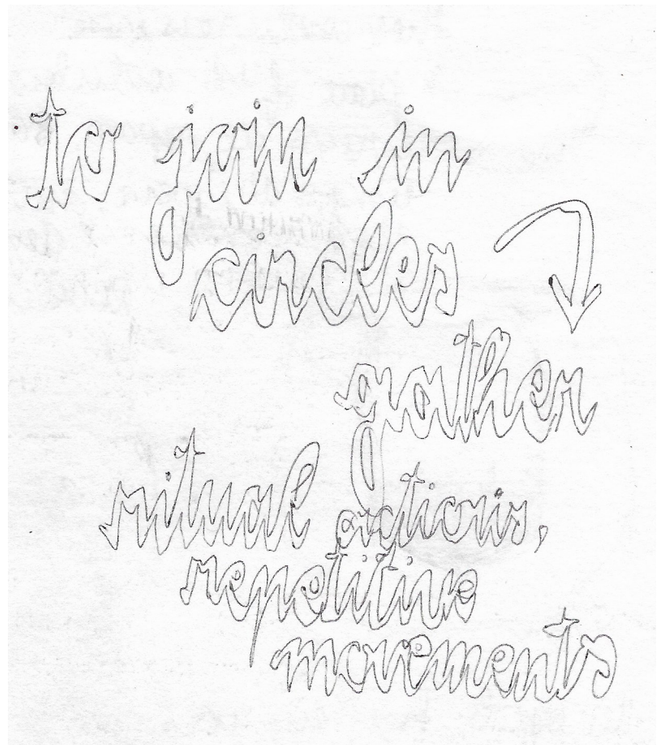
Este mapa é apresentado numa de muitas das suas organizações, apesar de sempre muito semelhantes, porque se organiza da forma como foi sendo construído. Apesar de no início assumir a forma de uma pasta – *NOTES FROM THE FIELD* – cresceu através da pesquisa das imagens, através da associação e da conexão entre ideias, e pensado em forma de um mapa mental:

Estas imagens são o seu princípio, meio e fim. São parte de um ciclo. A sua recolha parte da ideia de um espaço de encontro e de convergência. Mas foi através delas, da sucessiva relação que se foi criando entre as mesmas, que se chegou a este lugar.

Primeiro, sobre a procura, sobre as imagens e como se foram encontrando:
recolher imagens de paisagens que contenham elementos a formar círculos;
imagens de paisagens circulares;
imagens de pessoas reunidas em círculo;
imagens de pessoas reunidas em redor de algo;
imagens de pessoas reunidas;
imagens de ações, maioritariamente envolvendo as mãos, que sugerem um movimento circular, ou uma rotação, ou sequência;
imagens de gestos que sugerem movimentos em círculos;
imagens de gestos que formam círculos;
imagens de pessoas que se movimentam em círculo;
imagens de pessoas que desenham círculos (corporalmente, através do movimento, ou literalmente);

A seguir, apontadores de sequências, ou sinaléticas de repetição (como começar a relacionar imagens, ou como encontrar o que as relaciona):
o círculo como um ponto central, de encontro;
um lugar de reunião;
um ponto de encontro;
uma biblioteca de gestos;
um espaço temporário;
um lugar criado pelo que nele acontece;
o corpo que cria um espaço;
o corpo-conjunto enquanto estrutura;
estar com;
estar, poder estar;
coisas que podemos fazer juntos;
coisas que nos juntam;
o círculo, outra vez;
reparar, cuidar;

JOIN IN CIRCLES (mapa) é sobre gestos de cuidar e de atenção (através de encontros). É sobre dar atenção a todas a partes e dedicar-lhes tempo. Tempo para crescerem, para se transformarem. É sobre diálogos e trocas.



~~JOIN IN CIRCLES_projeto~~
~~espaços de encontro~~

O mapa JOIN IN CIRCLES dá origem às ideias e ao projeto, a que este relatório é referente. O projeto surge para pensar nas imagens ou, de forma geral, nas coisas que encontramos, e como nos relacionamos com elas. Ao mesmo tempo, revelou-se uma forma de pensar o momento em que encontramos algo e o espaço que se cria com esse encontro. Este espaço que se cria, é um espaço de convergência - um espaço de trocas, de diálogos e de conexão.

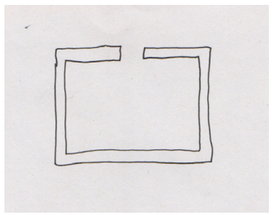
O espaço possibilita os/aos objetos adquirirem um significado e ao mesmo tempo os objetos contribuem para a definição de um espaço. É através da sua disposição, da utilização que lhes é inerente (das ações que propõe com a sua utilização), dos gestos que se fazem e dos encontros entre si que se criam espaços de encontro.

A proposta é permitir que estes espaços de encontro se formem e se estabeleçam a partir das convergências entre outros corpos: imagens/objetos/pessoas/ideias/gestos. *JOIN IN CIRCLES* – o projeto – são ensaios, especulações sobre estes espaços.

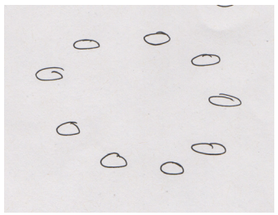
Objetos e ações que falam sobre encontros:
Objetos que unem, estão unidos.
Objetos para guardar coisas.
Objetos para reunir dentro deles, em cima deles.
Objetos que suportam, ou que suportam outros.
Objetos que cobrem, delimitam ou envolvem.

*

um espaço pode ser definido pelos seus limites fisicos



por uma ação, pelo que nela acontece



um grupo de pessoas que se reúne para fazer algo

pelos objetos que o preenchem, ocupam

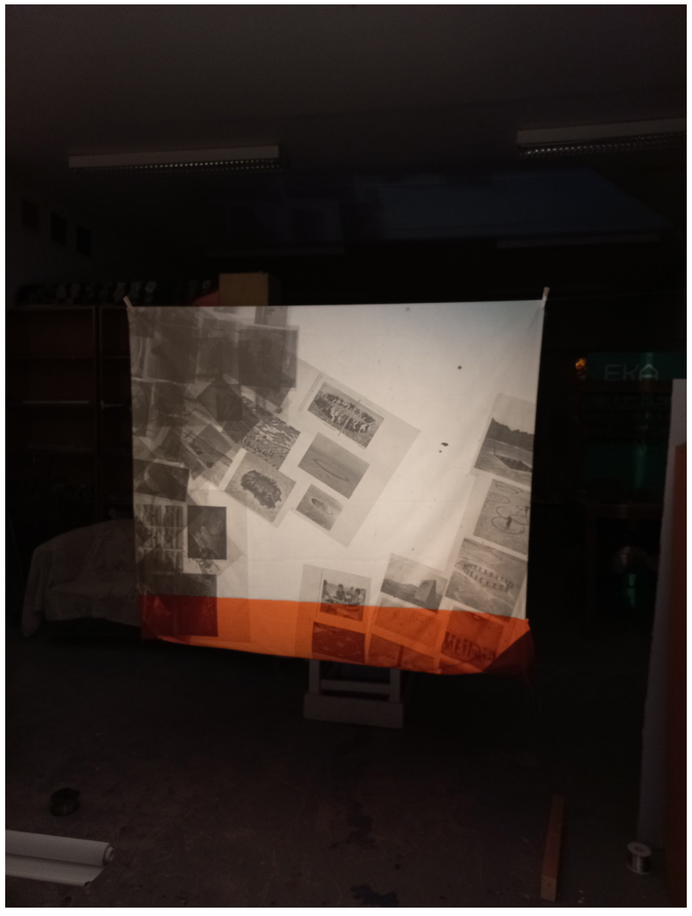


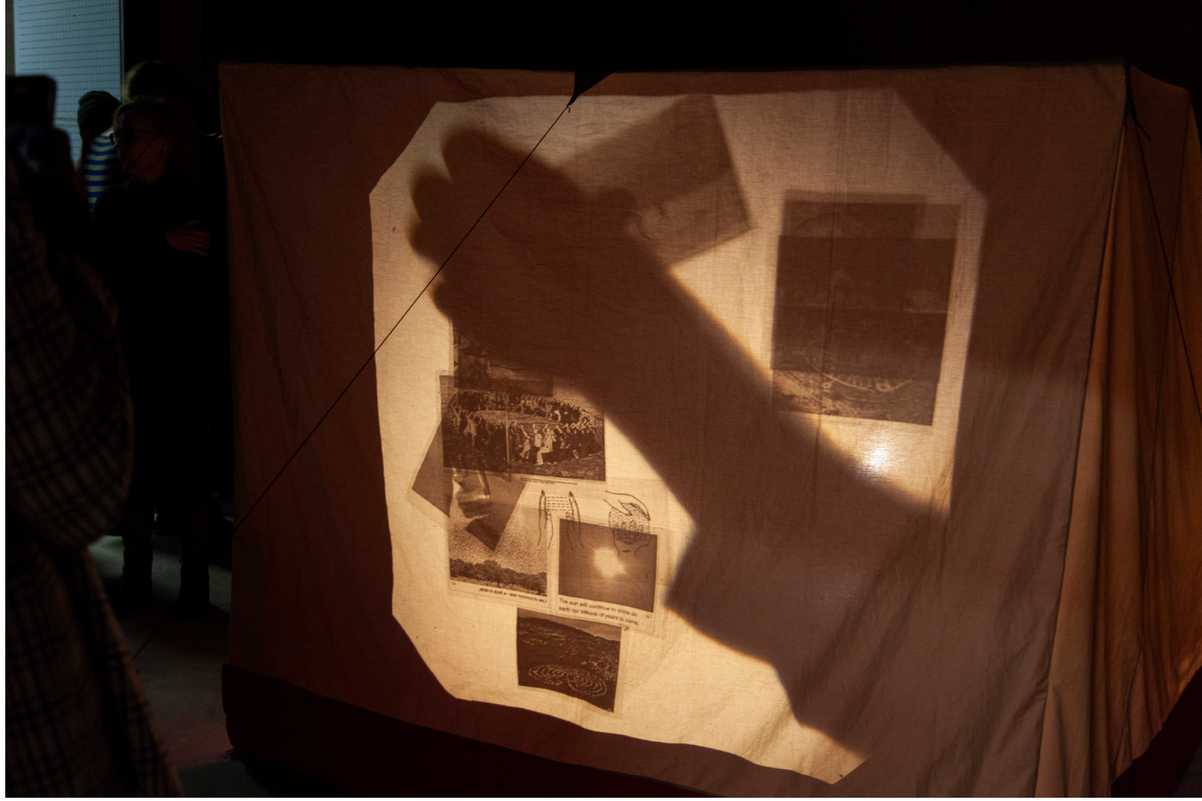
(a zona/espaço de fogo de um campo, acampamento)











NOTES FROM THE FIELD
Fabric, rope, sand, retro projector, acetate images
2022

*It's about joining in circles, about gathering. This tent has been present in my mind for a long time. There are images that we don't know where they came from, but they are so familiar. And we built our way of seeing things through all these references. Trying to find a meeting point, this is a place to spend some time. This time, with images. It's about joining in circles, about gathering.**[32]

32 Tecido, corda, areia, retroprojetor, imagens em acetato (2022)
É sobre nos juntarmos, sobre encontros. Esta tenda tem estado presente na minha cabeça durante muito tempo. Há imagens que não sabemos de onde vêm, mas que nos são tão familiares. E nós construímos a nossa forma de ver as coisas, através dessas referências. A tentar encontrar um ponto de encontro, este é um espaço para perdermos/passarmos algum tempo. Desta vez, com estas imagens. É sobre nos juntarmos em círculos, sobre encontros.
A sinopse foi escrita em inglês, pelo contexto em que o projeto foi desenvolvido. Tanto este como outros projetos presentes neste relatório foram produzidos e apresentados durante o período em que estive na EKA(Estonian Academy of Arts) em Tallinn, ao abrigo do Programa Erasmus +. Deste modo seguem-se algumas partes do texto em inglês devido ao contexto da sua produção.











~~NOTES FROM THE FIELD~~

A tenda como estrutura, como limite/fronteira entre espaços; a tenda como materialização de um "entre-espaço" ou de uma fronteira. A tenda como espaço de projeção das ideias e da imagens.

Esta tenda/abrigo foi construída como um espaço de projeção das imagens de JOIN IN CIRCLES. Para além disso, também é um lugar onde está contida a ideia deste encontro entre nós e as imagens. Esta foi a primeira materialização física de um possível 'espaço de encontro'.

No seu interior, dispostas em mapa, coloquei as imagens e um retroprojetor, para que pudessem ser manuseadas e colocadas umas ao lado das outras, de forma aumentada. A tenda opera, por isso, como objeto técnico de projeção, e também na sua ideia mais comum de um abrigo, em que o seu interior pode ser habitado.

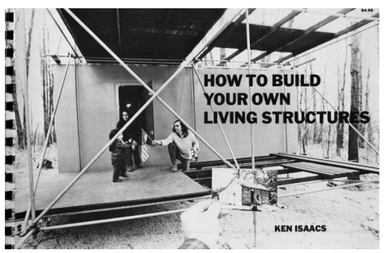
A tenda:

Tenda, ou abrigo*[33] *[34] desmontável de tecido resistente. A tenda é um espaço de conforto, de partilha, um abrigo. É um espaço temporário, provisório, que pode ser transportado, remontado, adaptado ao lugar onde se instala/monta. Para mim, na tenda (construção/estrutura) há espaço para o improviso, para a tentativa erro, e para ser moldada à nossa medida. Há lugar e espaço para ação, para fazer acontecer, para materializar.

Debaixo do tecido, balançamos entre uma sensação de estar debaixo dos lençóis e de não estarmos cobertos de nada, mas ao mesmo tempo o espaço entre nós e o outro lado é dividido por uma leve camada que nos protege.

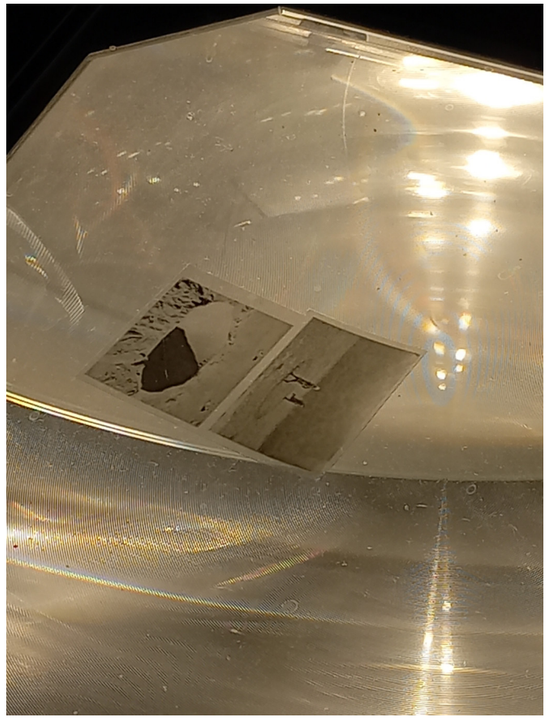
Este é um lugar de calma, de atenção, de conexões.

9



33 Ken Isaacs, How To Build Your Own Living Structures, 1974, Book (imagem 9)

34 "Survivalist tiny dorms at Frank Lloyd Wright's Taliesin architecture school"; Uma escola de arquitetura no deserto (Frank Lloyd Wright Taliesin), em que o dormitório dos alunos são abrigos que os mesmos constroem. Este contacto direto com a natureza, é uma forma de os alunos se confrontarem com o que é realmente necessário para criar um abrigo; tirando partido de conhecimento que adquirem com a natureza para a construção destes espaços. (imagem)





AÇÃO COMO ESPAÇO/ ENCONTRO COMO ESPAÇO
/como criar um espaço através de ações, de momentos
/objetos como espaço, objetos representativos de um espaço

ESPAÇO DE ENCONTRO

DIMENSÃO ESPACIAL (?)
ESPAÇO FISICO OU CONCEPTUAL OU RELACIONAL

MEETING POINT
PONTO DE ENCONTRO

UNIR DE NOVO

REUNIR
RECOLHER
JUNTAR

STRUCTURES AS SPACES/PLACES
OF GATHERING
HOW TO TALK ABOUT GATHERINGS
THROUGH STRUTURES/OBJECTS/
ELEMENTS

estruturas como espaços/lugares de encontro, reunião
como falar de encontros através de estruturas/objetos/elementos

ESPAÇO
TEMPORÁRIO

strutures as temporary things
body strutures as temporary
spaces/places

VERSÁTIL
MOVIVÉL

LIMITADO A UM ESPAÇO TEMPORAL

sem estrutura fixa / que se
pode construir e desmontar /
que se transporta

__*DIAGRAMA* para o projeto da tenda

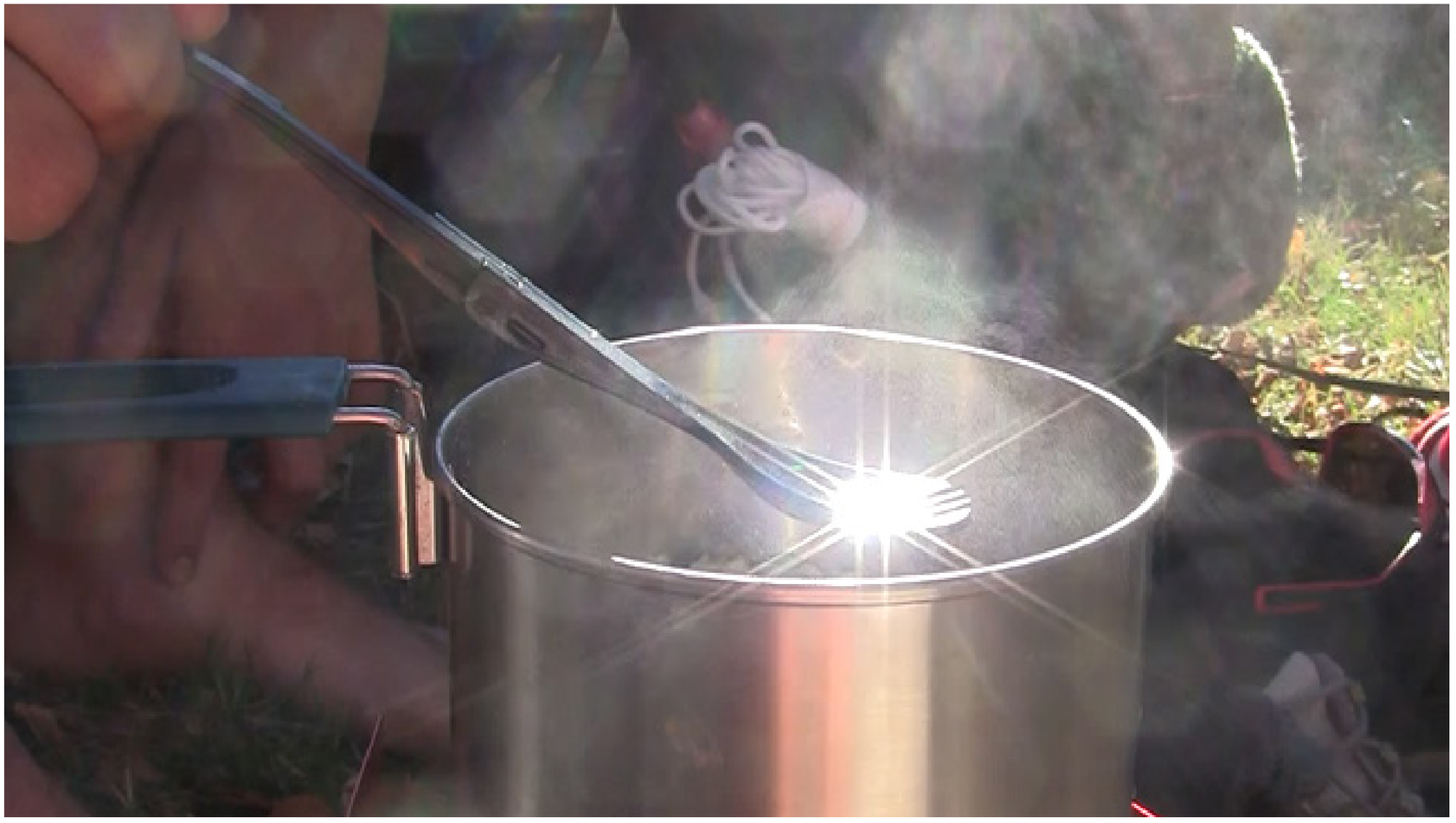






_Pasta 02

~~ catching a sun light~~



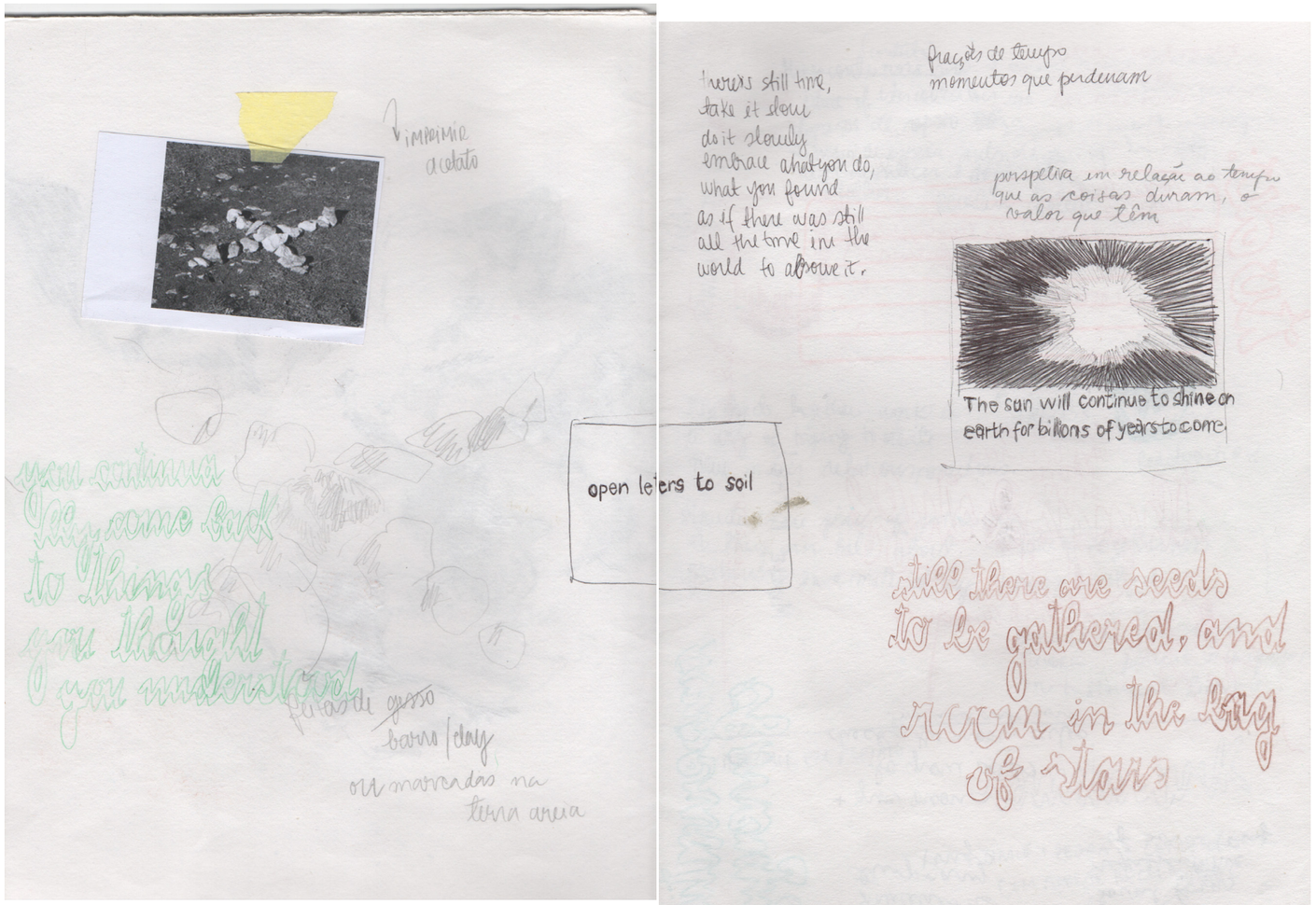


Catching a sun light, 2021 [35]
(stills sequência)

convergência
1. disposição de linhas, raios luminosos ou elétricos que se dirigem para mesmo ponto
2. tendência de várias coisas para se fixarem num ponto ou se identificarem. *[36]

35 vídeo 15"
(url: https://vimeo.com/503611964)

36 "convergência", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2024, https://dicionario.priberam.org/converg%C3%AAncia



É sobre o tempo de espera, sobre parar e observar com atenção. Cuidar é também estar atento. Cuidar é reparar.
É sobre pensarmos cada gesto como um só. O gesto prolonga-se no tempo e aí permanece. Permanece para de novo nos encontrarmos nele. Perpetua-se no tempo criando um lugar comum.
É sobre espaços de encontro e de partilha. É o gesto de ser, de fazer, de sentir.

Habitamos os mesmos espaços e construímos neles as narrativas que nos aproximam, criamos lugares comuns porque os partilhamos constantemente, mas também porque os criamos ao cuidá-los.

*Estar atento é aprender a cuidar.**[37]

****

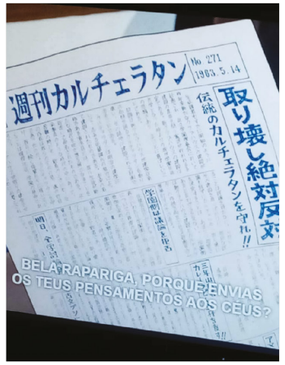
Sobre cuidar, o espaço que se cria quando se cuida e se sente cuidado. As danças que fazemos, e a música dos pequenos gestos do dia-a-dia. Cuidar é eu levar bem perto de nós, olhar com atenção.
É dar tempo ao fogo para que aqueça, saber esperar pelo que mais se anseia, é deixar arrefecer, é procurar sabendo que não se sabe se se vai encontrar.
É reparar nas pequenas coisas*[38] , e reparar as pequenas coisas.

(escrito mais tarde, a pensar nesta imagem e no título do filme de Jonas Mekas)



37 Texto escrito para o projeto Lugares Comuns, 2021. [url: https://readymag.com/lleonor-talefe/myarchive/6/]

38 Jonas Mekas, A*s I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty* (2000), (captura de ecrã) (documentário experimental)
Jonas Mekas, *Diary, 2010-2018* (Os diários videográficos de Jonas Mekas, sobre a atenção ao dia-a-dia, ao quotidiano, são um olhar os pormenores. A sua obsessão de gravar, guardar todas as memórias de uma vida, uma forma de preservá-las, é uma forma de criar arquivos físicos, mas também mentais, intelectuais. São pormenores importantes, como notas ou apontamentos.)



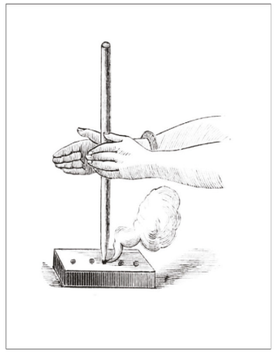






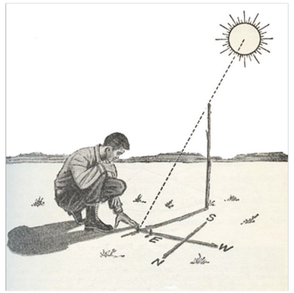


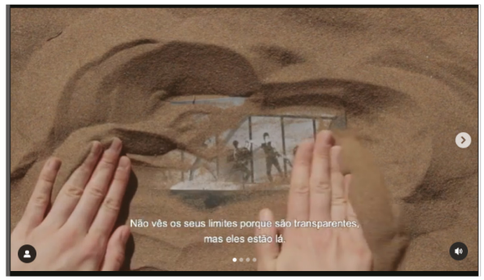










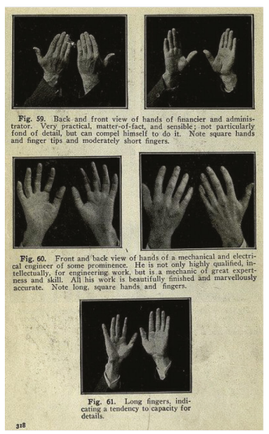








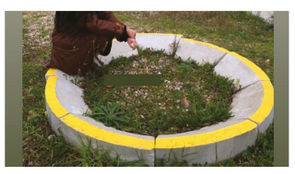


















__mapa para *catching a sun light* (2023)



catching a sun light
Areia, objetos de alumínio, acetato, chapas de alumínio
Dimensões variáveis
2023

É sobre espaços de encontro, sobre nos juntarmos. Este é um ponto de convergência entre o que encontro e o que escolho guardar.
Há imagens que não sabemos de onde vieram, mas que nos são tão familiares. E construímos a nossa forma de ver as coisas através delas. Elas moldam-nos, guiam-nos, como pistas deixadas à superfície, que precisamos de escavar para as entender.
À procura de um espaço para nos encontrarmos, cruzei-me com o reflexo do que me fascina.

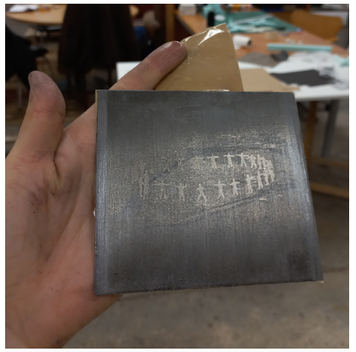


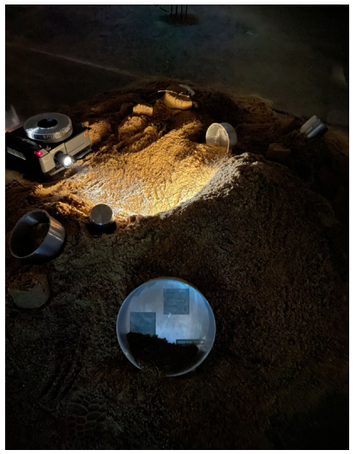
Este foi um segundo espaço de especulação, uma tentativa de projetar as imagens do mapa num contexto diferente. Foi imaginado como um lugar de experimentação e de "brincadeira", utilizando a ideia da caixa de areia no seu contexto comum, mas também como um objeto técnico de projeção (tela de projeção – um anfiteatro de areia). O espaço era composto por três elementos diferentes, que criavam os seus limites: a areia – que servia como elemento agregador -; uns contentores/formas de alumínio, com as algumas imagens do arquivo gravadas neles – foram pensados como formas da praia, eram objetos para "brincar"; e um carrossel de slides, que projetava uma sequência de imagens, selecionadas do mapa de *JOIN IN CIRCLES*. Neste caso, as imagens selecionadas foram as que faziam sentido com a ideia de catching a sun light – gesto de atenção, e de encontro – e com a forma circular do circuito do carrossel. As imagens projetavam na areia, escavada em forma de anfiteatro e a luz do projetor é que iluminava as gravações nos objetos de metal.

O projeto foi desenvolvido para um contexto específico da exposição *Eu Vi o Brilho* (2023), pensada e montada de uma forma particular, num espaço escuro, e com uma iluminação pontual. Por esse motivo, e tal como no projeto da tenda, este "espaço de encontro" tornou-se um lugar de atenção às imagens, porque a luz vinha da sua projeção, porque se apresentavam numa sequência.

Este exercício de atenção permitiu pensar nas imagens projetadas, organizadas numa determinada sequência, desenrolando-se como numa coreografia de movimentos, de gestos e intenções – como se umas dessem origem às outras. Aqui, esta coreografia, está não só associada à ideia de um movimento corporal propositado, mas também a uma coreografia inconsciente e intrínseca, presente nos nossos movimentos comuns e regulares. Também a nossa forma de associar ideias no pensamento, estando ligada a forma como associamos movimentos.*[39]

Com o intuito de criar um espaço de encontro entre nós e as imagens, tal como no projeto da tenda, o elemento da areia assume um elemento agregador dos diferentes elementos que nela se encontram. É uma escolha intuitiva, a de trazer areia, aproximando-nos de sensações ou memórias que nos são familiares e nos transportam para lugares mais sensitivos que racionais. A nossa aproximação ao material/elemento é, ou não, referente à nossa experiência, e por isso existe, ou não, uma relação com o que encontramos. Para mim a existência desta relação é importante. É uma referência próxima à nossa memória coletiva e individual, a uma ideia comum.





39 Sobre coreografia, e pensar todos os momento do nosso dia como uma dança, um conjunto de movimentos. Também sobre a transição de um movimento para o outro, como um espaço em si. Remy Charlip's Imaginary Dances



















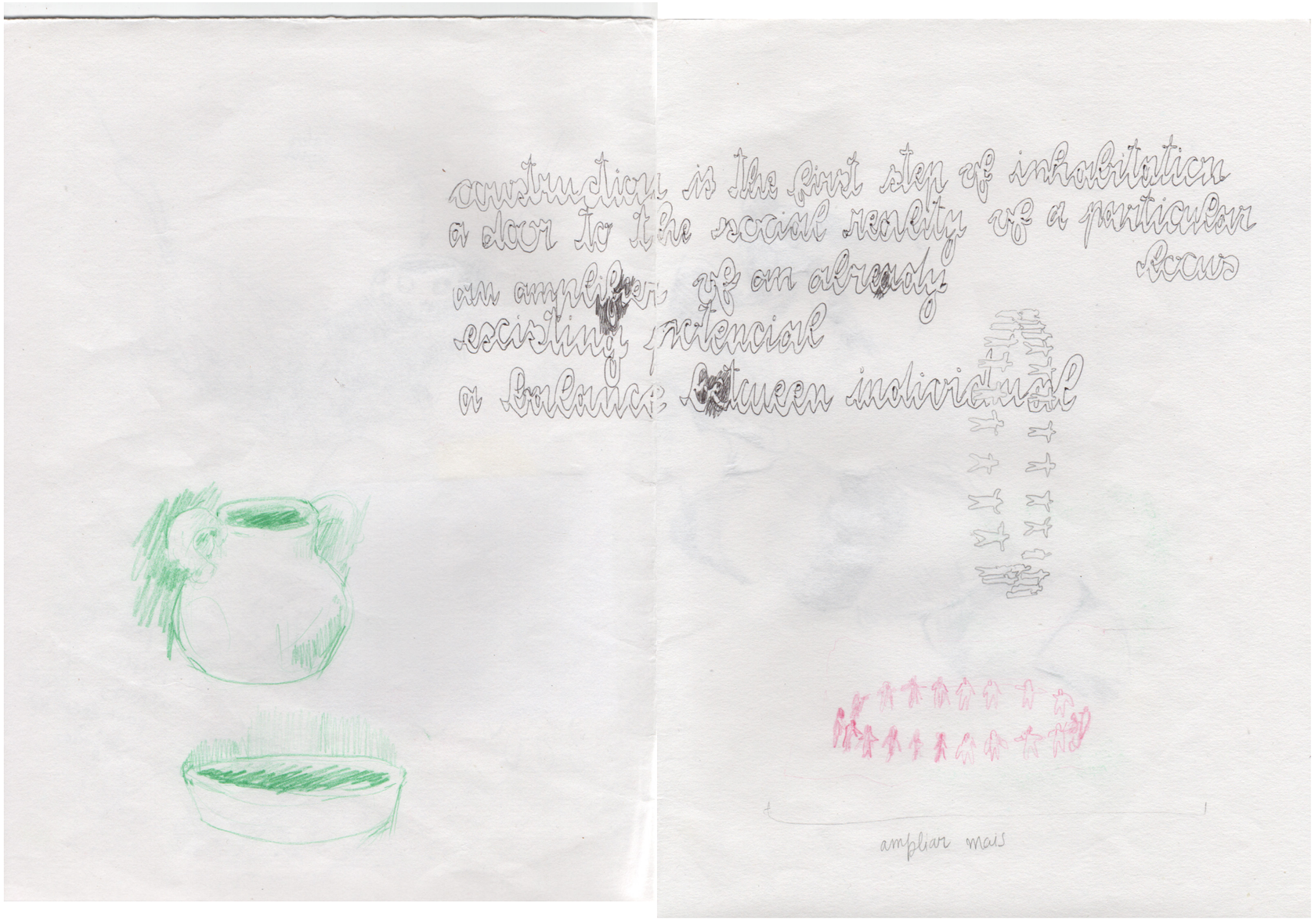




_Pasta 03

~~THINGS THAT I KEEP BUT I DONT KNOW WHY~~

(coisas que guardo, mas não sei porquê)



*

No processo de pensar o meu espaço individual tendo em conta um contexto de partilha, fui escrevendo alguns textos desenhados. Estes textos, são escrita em forma de desenho, em que a escrita se constrói e desconstrói de forma semelhante, porque a forma de desenhar palavras camufla o conteúdo. A mensagem dilui-se. Não quer dizer que se perca, mas torna-se difícil leitura.

Estes desenhos são espaços para partilhar (trazer para fora de nós), mas não totalmente. É uma partilha contida, codificada ou camuflada. Esta forma de escrever funciona como uma codificação. Como um tipo de letra, adiciona a sua personalidade ao texto: quem está de fora, ao ler precisa de se aproximar, de demorar tempo e prestar atenção, de forma a entender o que lê. Desta maneira estas partilhas perdem-se um pouco na sua forma, nas linhas que lhes dão corpo, e são um conteúdo que pode ser entendido ou não. São pensamentos, notas, ideias, coisas que guardo, e que encontro nestas formas um espaço para as partilhar. Muitas são também citações, frases ditas, que me chamaram à atenção e desenhei como que para sublinhar coisas importantes. Como se de um exercício de memorização se tratasse.

Estes desenhos começaram exatamente por ser desenhos, formas de letras desenhas em suportes. Comecei por utilizá-los com imagens, numa espécie de colagem e sobreposição de camadas, num exercício de texto e imagem se misturarem e criarem uma leitura diferente um do outro.

Aos poucos estes textos foram-se associando a outros suportes, passando a ser pensados como objetos. No papagaio, páginas abaixo, há uma referência clara aos aviões que passam com mensagens na praia, é exatamente esse o propósito, tentar partilhar uma mensagem, mesmo que não seja de todo legível.



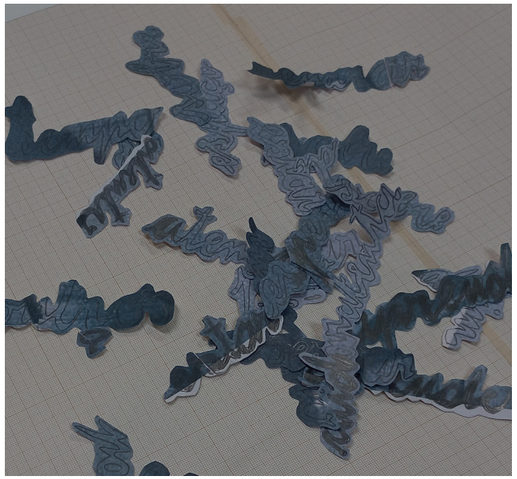




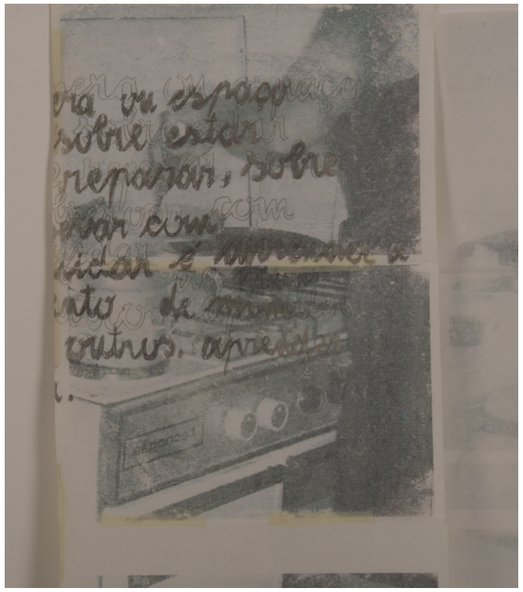



cuidamos do saber do vento



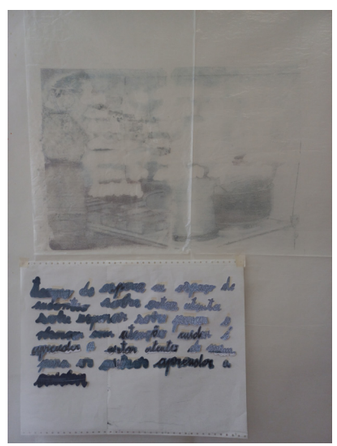




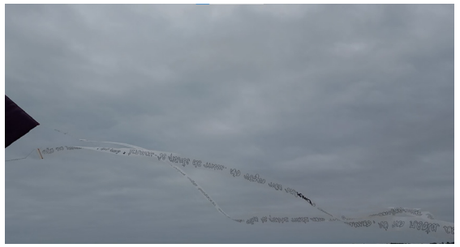








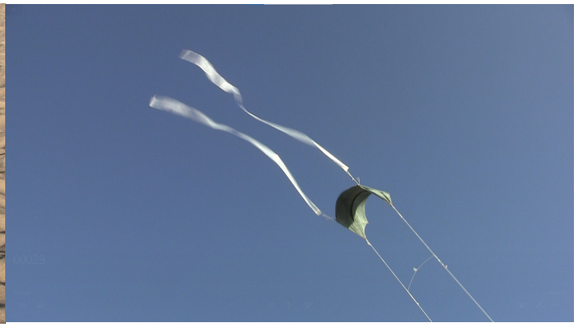














Nas palavras de relva, o texto ganha um corpo físico e material. Este projeto foi concebido para uma exposição num antigo quiosque. Uma exposição coletiva, sobre olhar particular de cada um a objetos do dia-a-dia, e como os trabalhamos e reproduzimos (em alguns dos casos) de uma forma particular e pessoal. Na altura, ao ler o ensaio de Ursula Le Guin, Carrier bag Theory of Fiction, fiquei a pensar na frase com que termina dizendo: *Still there are seeds to be gathered and room in the bag of stars**[40]. Entre muitas outras coisas, é uma referência à narrativa, à forma de descrever acontecimentos relacionando tudo o que existe, entendendo que vai haver sempre algo para acrescentar e coisas para recolher. O meu projeto para esta exposição estava pensado para serem umas camas/tapetes de relva, que pudessem envolver o espaço de alguma maneira. Fez sentido trazer esta citação, como uma nota-proposta às coisas recolhidas, e que trazemos para junto de nós, e que se podiam encontrar naquele espaço do quiosque. As palavras foram feitas com terra e sementes germinadas que cresceram até à exposição. Uma pequena coincidência propositada, uma referências às sementes que ainda estão por recolher e a estas que foram plantadas juntas para este espaço.



Things that I keep but I don't know why
*Soil, seeds, water, sun and care** [41]
2023

"Still there are seeds to be gathered and room in the bag of stars."
Ursula Le Guin, The Carrier Bag Theory of Fiction



40 em inglês da versão original. Traduzido para português na edição de 2022: \. (Le Guin, 2022, p.27) (Sobre a citação: Ainda há trabalho para ser feito, ainda há formas de continuar a progredir, ou a desenvolver, relacionar. Ainda há coisas para serem apanhadas e aproveitadas, e desconstruídas e transformadas. Tudo neste vasto universo mental, físico, espacial.)

41 Solo, sementes, água, sol e atenção



























Participação na exposição coletiva *Pretty Gimmicks, Charming Trinkets and All the Other Things (*2023), tram stop, Kopl, Tallinni







_Pasta 04

~~uma história sobre o fogo~~ fogareiro~~

Recipientes para cuidar,
contentores de atenção.



*

cuidar do fogo, como um ato de atenção.*[42]

O fogo é um elemento que me fascina pela sua capacidade de reunir pessoas, de aquecer, de permitir confecionar alimentos. É um gerador de encontros por si só, porque estas são algumas das coisas que nos fazem juntar. Há uns tempos, movida pela curiosidade e pelo interesse, fiz um pequeno fogareiro de cerâmica.

Apercebi-me, a partir dele, que a tarefa de manter aquele pequeno fogo aceso, durante um determinado período de tempo, representava bem a ideia de cuidar de algo. O tempo depositado, a atenção prestada, em alimentar o fogo para que não se apague. Por isso mesmo, este fogareiro ganhou um valor e uma força especial e maior.

*

Cuidar do fogo é uma tarefa que exige uma certa atenção. Os fogareiros surgem como objetos de especulação, na procura de um espaço e de uma ação que nos fale de encontros. E esses encontros podem e são potência e potenciados pelo gesto de cuidar, e pela atenção necessária.



42 uma história sobre o fogo - aprender a cuidar/manter, 2021 (performance)
Esta performance consistiu em alimentar um pequeno fogo num fogareiro, o tempo suficiente para que água contida na taça (assente no fogareiro), fervesse e evaporasse. A sua dimensão reduzida exigiu que se alimentasse constantemente o fogo. Assim esta ação de juntar e cuidar torna-se uma tarefa de muita atenção.


artefactos/
objetos
representativos
do gesto de
gathering
- fogareiros







*JOIN IN CIRCLES**[43]
Ceramic fire containers, sand, juta yarn, acetate images
2023

*Gathering as a gesture of join, of bringing together, of collecting. This is the founding gesture of my encounter with things, of the encounter between me and what surrounds me. This is a space of speculation, of drifting.** [44]

43 (instalação do projeto dos fogareiros; tem o título do projeto principal, porque esta instalação foi um momento de pausa para olhar o processo criativo e as associações que estavam a acontecer)

44 Recipientes de cerâmica para o fogo, areia, fio de juta, imagens em acetato (2023) A reunião como gesto de juntar, de aproximar, de coletar. Este é o gesto fundador do meu encontro com as coisas, do encontro entre mim e o que me rodeia. Este é um espaço de especulação, de deriva.



Instalar e dispor estes objetos no espaço, permitiu-me perceber que os objetos em conjunto podiam formar um espaço de especulação. Foi com estes fogareiros, e por estarem dispostos como numa cenografia, que me apercebi desta possibilidade de encarar estes objetos, como possíveis especulações de objetos e espaços que representam a ideia de encontro. Ou seja, no meu entendimento, que objetos e espaços concretos é que podem definir a ideia encontro (sendo este um momento no espaço-tempo, um meeting-point um espaço de convergência, como já referido).

Construir estes fogareiros foi também uma forma de pensar na ação de cuidar e de nos juntarmos. Ao colocá-los como numa encenação de uma possível atividade que estava a acontecer e foi interrompida, a disposição do espaço relembrava os dioramas dos museus de história natural (onde uma história está a ser contada, sobre alguma atividade ou grupo). Apesar de esta associação não ter sido propositada (foi comentada), foi possível olhar para os fogareiros de uma outra perspetiva: a de mostrarem um espaço que sugere uma presença, ou um acontecimento, a partir dos seus vestígios. Um espaço que mesmo desprovido de pessoas, evocava uma ideia de que poderia ter sido habitado por pessoas, remetendo para uma ideia de encontro específica. Aqui está um ponto importante neste projeto: apesar do meu interesse por espaços e projeto partilhados e coletivos, neste caso estes encontros são especulativos. E procuram pensar e pesquisar (através das matérias) e especular sobre possíveis encontros, imateriais entre nós, pessoas, e outras matérias (objetos, imagens, coisas, elementos, ...)

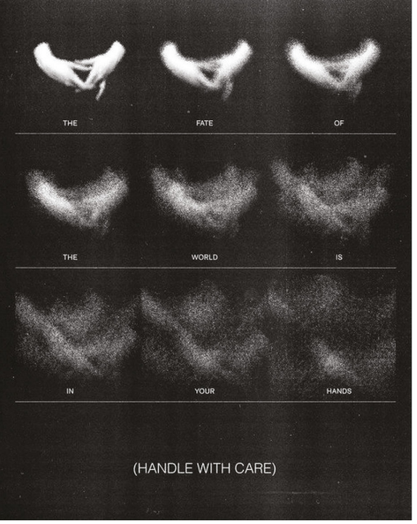


A partir destes fogareiros a pesquisa desenrola-se nesta direção*[45]:

PASTA TOGETHERNESS - sobre conexões, ligações, algumas também literais, traduzidas a partir de objetos, de elementos que materialmente traduzem esta ideia. *[46]

45 Esta transição, ou desenvolvimento do projeto, é relatada na Parte III: Quatro Potes de Cerâmica Conectados; quatro potes de cerâmica unidos/conectados entre si, feitos como um só.

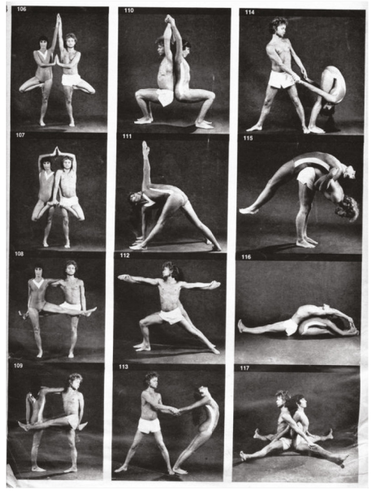
46 Esta pasta é composta por imagens pesquisadas e recolhidas, que se seguem nas próximas páginas.







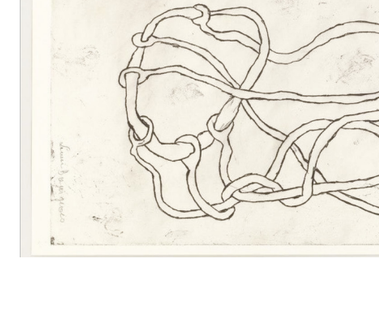


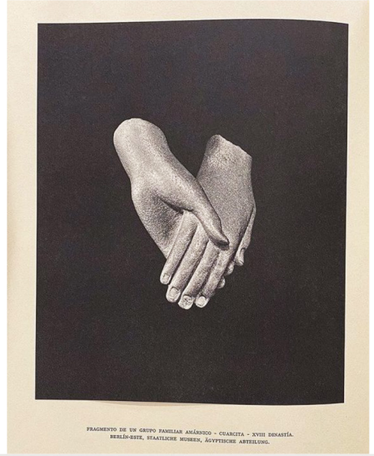




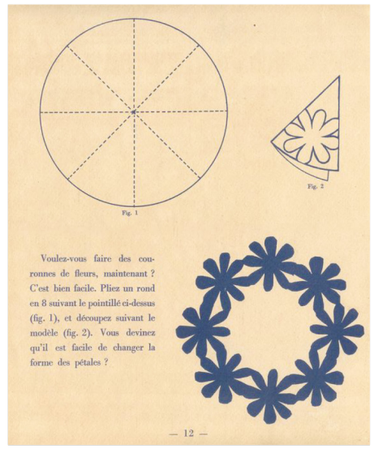


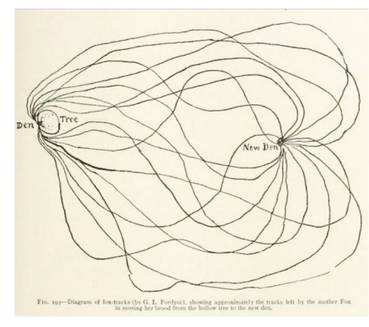


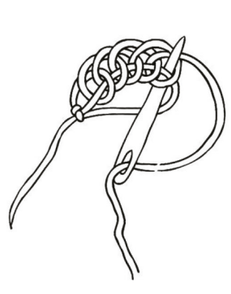












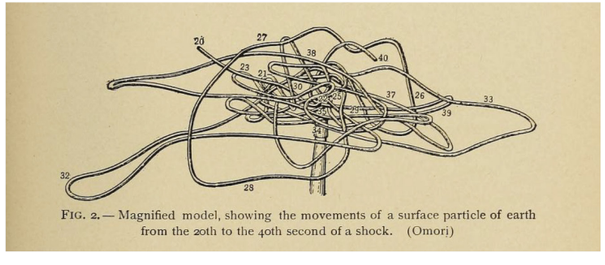
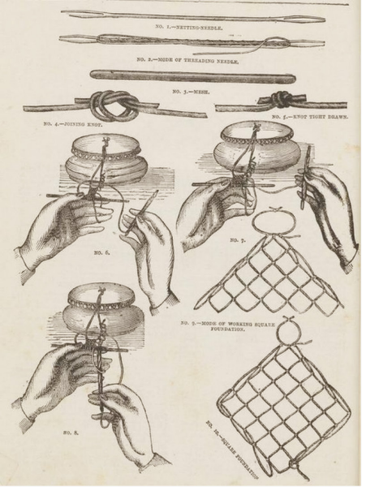
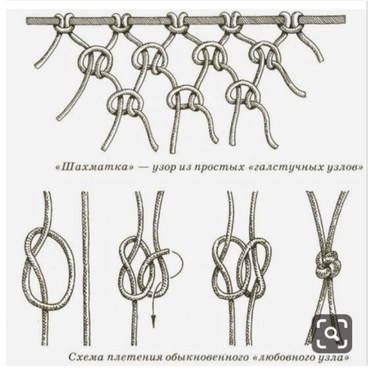
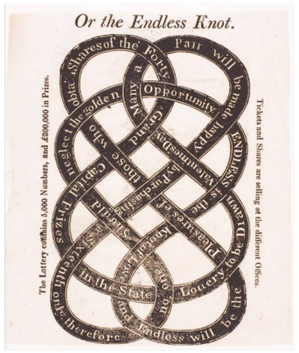


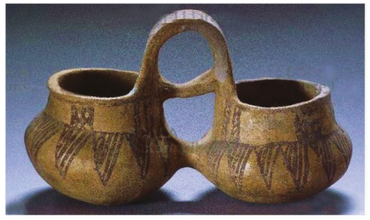
FIG. 2.— Magnified model, showing the movements of a surface particle of earth from the 20th to the 40th second of a shock. (Omori)

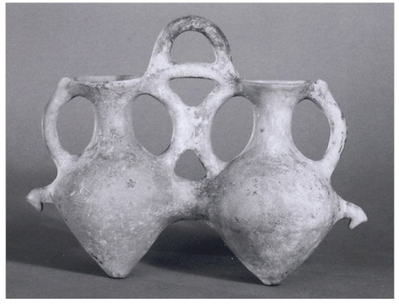

No. 1.—KNITTING-NEEDLE.
No. 2.—MODE OF THREADING NEEDLE.
No. 3.—MESH.
No. 4.—KNITTING KNOT.
No. 5.—KNOT TIGHT DRAWN.
No. 6.
No. 7.
No. 8.—MODE OF WORKING SQUARE FOUNDATION.
No. 9.—SQUARE FOUNDATION.


«Шахматка» — узор из простых «галстучных узлов»
Схема плетения обыкновенного «любовного узла»

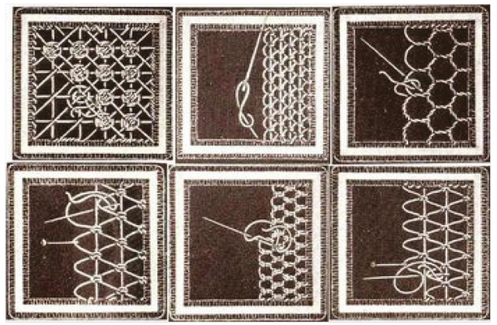

Or the Endless Knot.
Tickets and Shares are selling at the different Offices.
Therefore the Endless will be the Lovers Knot in the State



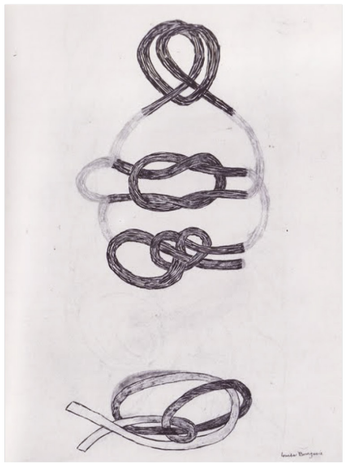


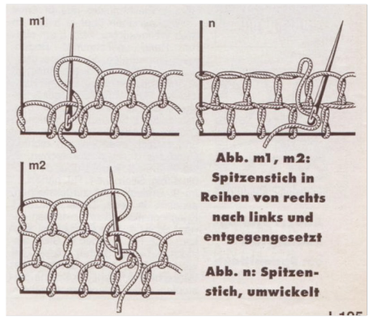


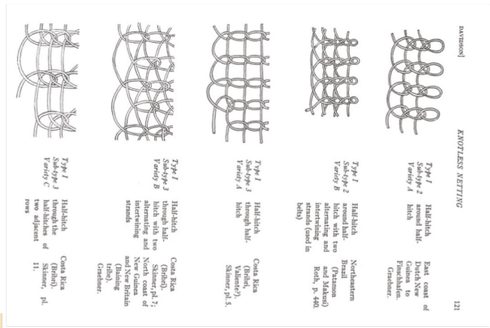




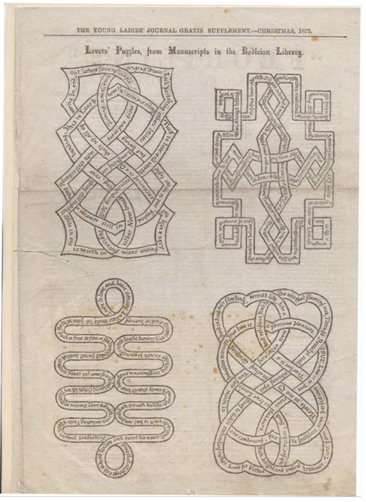

AFFECTION

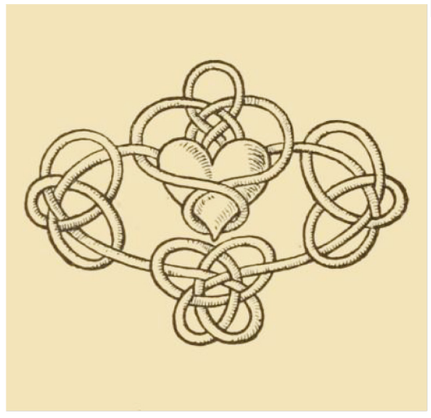


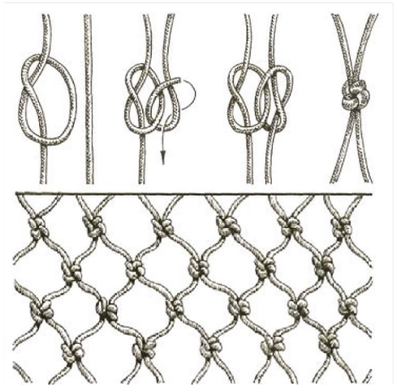

m1
n
m2
Abb. m1, m2: Spitzenstich in Reihen von rechts nach links und entgegengesetzt
Abb. n: Spitzenstich, umwickelt

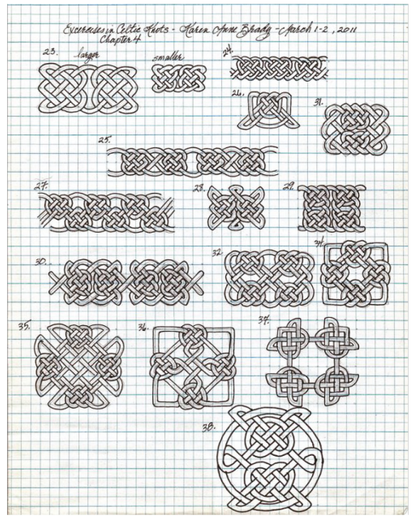

KNOTLESS NETTING
121




THE YOUNG LADIES' JOURNAL GRATIS SUPPLEMENT.—CHRISTMAS, 1872.
Lovers' Puzzles, from Manuscripts in the Bodleian Library.






Extraordinary Celtic Knots - Karen Ann Brady - March 1-2, 2011
Chapter 4
25. large
smaller
31.
25.
27.
28.
22.
30.
32.
34.
35.
36.
37.
38.

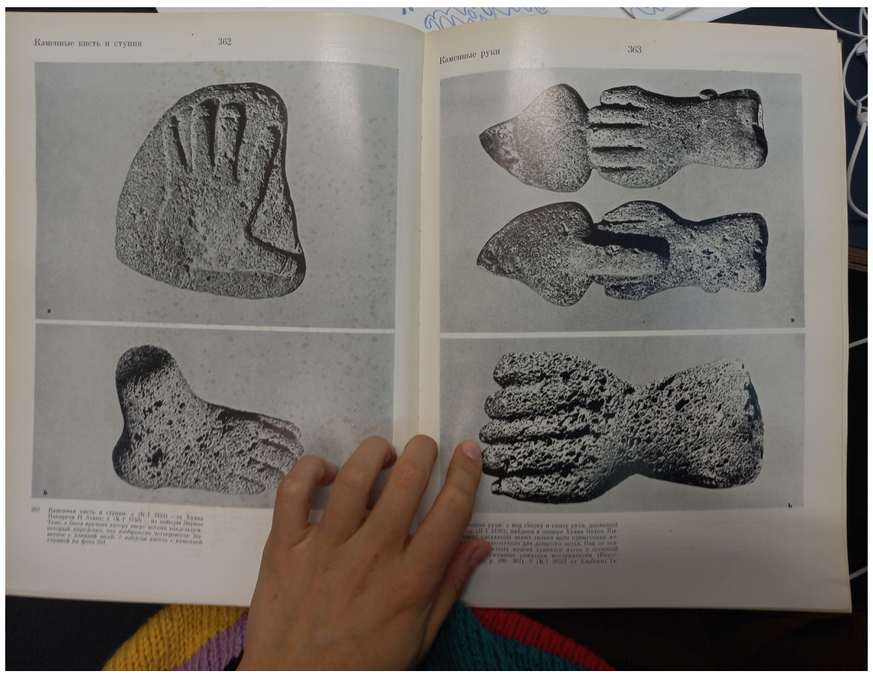


Sobre o gesto de cuidar – (textos que aparecem nos objetos, mas partem desta pasta de pesquisa):

A mão que recolhe, que mantem, que traz para junto, que guia, que transporta, que transforma, que carrega, que faz, que desfaz, que cuida.

A mão como espaço, como ação, como ferramenta, de cuidado, de atenção, de encontro.

A mão como motor da ação, o contentor, o transporte - o preparar, arranjar, reparar, encontrar, fazer.



Parte III_____*experiência/imagem/imaginário/desenho*

(texto-mecanismo produtor de símbolos)

~~*significado-símbolos*~~ entendo estes símbolos enquanto significado, e como representação de uma ideia mais abstrata - conceitos; pode ser um símbolo desenhado e visual, pode ser um símbolo de ideias, de compreensões e perceções sobre determinadas coisas.

~~*símbolo*~~ um símbolo é encontrado em qualquer tipologia de objeto, há qual atribuo um certo significado, por entender que contém um valor que pode ser transversal a outros.

um símbolo é tudo o que o compõe desde que o identifico até assumir o corpo que tem depois das transformações que atravessa – como imagem, significado, objeto.)

~~*significado*~~ significado como representação de algo, e não como definição; não tem de ser num sentido técnico, de definir, mas num sentido mais próximo de representar, de determinar identidade.

Representação transversal de determinado significado.

Não é uma coisa específica, é um valor inerente ou um significado ou um conceito inerente a essa coisa, partilhado através de imagens/objetos/coisas.

~~*imagem* ~~ imagem como a capacidade de um objeto/coisa se expandir, abrindo espaço para pensar a potencialidade desse mesmo objeto para além do seu corpo; imagem é a potência do objeto/coisa, é o significado que podemos encontrar nele.

A imagem de uma coisa/objeto, é a representação das intenções que manifesta e pode vir a manifestar, enquanto representação de ideias; não se transforma em nada propriamente, é antes um ponto de partida para que possam acontecer transformações; uma coisa tornar-se imagem é a sua capacidade de passar a ser significado, para além do seu corpo físico.

~~*imagens-símbolos*~~~ os símbolos são, muitas vezes, representações visuais ou gráficas de uma ideia abstrata; contêm um significado atribuído; aqui aliado à ideia de imagem como a capacidade de um objeto/coisa se expandir, abrindo espaço para pensar a potencialidade desse mesmo objeto para além do seu corpo; assim, estas imagens-símbolos são potencialidades ou significados que se definem a partir de uma imagem encontrada em determinado objeto. (p.e. naquele X reconheci a capacidade de representar a ideia de ponto de encontro; esta representação pode acontecer de outras formas, através de outras imagens; mas esta, especificamente, talvez por já ser um símbolo em si, contribuiu para esta clareza.

~~*gesto-símbolo*~~ gestos com a capacidade de se tornarem símbolos, por conterem ideias transversais a outros gestos e intenções.

~~*transformação*~~ este é um processo resultante do encontro entre elementos/coisas/corpos no mesmo espaço; este encontro que coloca os elementos em relação, provoca um cruzamento entre eles; desta ligação por proximidade, choque ou semelhança, há uma troca entre os elementos, uma conexão entre eles que faz com que se transformem – tal como nós que, ao crescermos, somos feitos de tudo o que nos altera ao longo da vida, não deixando de ser quem se era no início, agora somos feitos das transformações que fomos sofrendo, das associações e conexões que criámos, do que fomos perdendo e ganhando.

(nota):

Talvez estes textos sejam experiência/imagem/imaginário/desenho. E podem ativar uma espécie de escrita que conta "as estórias" do trabalho, aliando imagem e palavra.

(intro)

Esta parte é composta por um conjunto de três textos: **** Marca de um X feito com pedras no chão; "caminho a evitar"; pedras que marcam um X ***; ***Quatro Potes de Cerâmica Conectados; quatro potes de cerâmica unidos/conectados entre si, feitos como um só***; *** Nós que Unem****; e por um *significado-símbolo*[47] associado a cada texto.

Estes textos, posteriores ao trabalho prático, funcionam como uma consciência dos meus processos de trabalho mentais. São uma tentativa de materializar através da escrita uma série de transformações, de trocas, que acontecem de forma subtil e despercebidas: dentro e fora da prática artística. Estas transformações dão-se nos objetos, nas imagens, nas ideias e acontecem através da conexão que estabelecem uns com os outros, e como esta os altera. É um processo intuitivo assente na associação, no corte e na montagem mental e materializa-se nas coisas que produzo na minha prática artística. Aqui as transformações assumem uma forma descritiva, como de um relato se tratasse: um relato de acontecimentos e, ao mesmo tempo, uma análise que procura refletir sobre os mesmos.

Como as transformações acontecem no tempo, — fator importante para o desenvolvimento e crescimento das coisas e das relações — é agora que, com alguma distância dos acontecimentos, consigo escrever sobre eles, pensá-los e dar-lhes algum espaço para se materializarem. Estas transformações sobre as quais escrevo são associações e as conexões que ocorrem de diferentes formas: umas de forma intuitiva, outras fruto da experimentação sucessiva, ou por associação de diferentes referências. O tempo aqui está implicado, porque existem fases no processo de trabalho — fases de fazer, de pensar, de procurar – que são processos de trabalho prático e mental. Estas fases, permitem que haja tempo e distâncias temporais entre etapas. Isso permite que haja espaço para pensar e aperceber-me das possíveis associações e conexões que estou a construir.

Assim, estes textos são relatos porque descrevem os acontecimentos dos processos de trabalho e consequentemente das transformações que neles acontecem. Por isso escrevo estes relatos como um exercício, fruto da consciência de todas as sinapses que acontecem e nos permitem criar conexões entre coisas aparentemente distintas.

Estes textos funcionam como um mecanismo de percecionar um processo de produção de *significados-símbolos*[48] – processos de trabalho. Estes textos explicam como cada um (dos símbolos) ganha forma a partir das suas transformações. Descrever o percurso que cada objeto percorre, permite-nos perceber certos momentos importantes para a sua transformação.

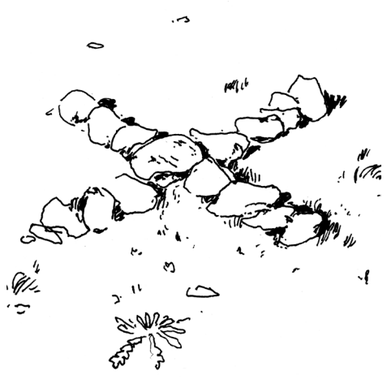
Estes textos são também uma aproximação ao trabalho prático - do ponto de vista das imagens e significados que fazem parte do processo de trabalho. Assumem um papel de ferramenta de desconstrução dos processos práticos e de pensamento e, simultaneamente de consciência do modo como se constroem durante esse processo.

Deste modo, os textos desenvolvem-se em dois sentidos: na transformação de imagens ao longo do processo de trabalho, e na sua definição enquanto *significado-símbolo* definindo-a dentro do projeto.

Esta parte dedicada aos processos que já aconteceram, é como um remate, tem um papel semelhante ao de uma pausa. Dar um corpo concreto e material a coisas abstratas (*transformações*) ajuda a definir os limites do espaço físico e conceptual de um projeto. É como ir adicionando peças a um puzzle, tornando clara a imagem que as peças quando juntas formam. Por esta razão, esta é também uma ponte entre o que foi construído e pensado, ou seja, este documento, e o que apresentarei em *JOIN IN CIRCLES* na sua versão instalativa e de exposição. Estas são algumas formas de juntar peças que permitem ajudar a especular sobre estes espaços de encontro que procuro.

47 Os *significados-símbolos* referidos, são compostos por um desenho que o representa, e por uma definição escrita. São desenhos originais, feitos pelo Abel Mota, a quem agradeço por os ter feitos de propósito para ilustrarem estes símbolos do projeto.
Os desenhos são referentes a imagens que aparecem nos respetivos textos que se seguem.

48 *~~significados-símbolos~~*



Mark of an X made with stones on the ground; "path to avoid"; stones marking an X

_ originally represents a path to avoid, and is used as a sign, a clue. In this case it represents a meeting point, symbolizing a space where things and ideas converge, a space for exchange and dialogue.

Marca de um X feito com pedras no chão; "caminho a evitar"; pedras que marcam um X

_representa, originalmente, um caminho a evitar, e é utilizado como sinal, pista. Neste caso representa um ponto de encontro (meeting point), de reunião, simbolizando um espaço de convergência entre coisas, ideias, um espaço de trocas e diálogos

Há imagens que permanecem indefinidamente no meu imaginário (sendo imagens tudo aquilo que vamos guardando na memória, e que pode assumir variadas formas e materialidades).

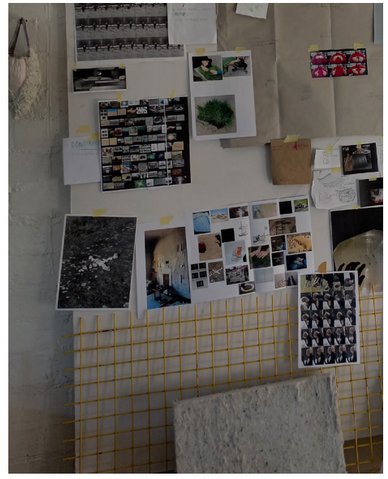
Há imagens que se vão refletindo no que vejo e faço, que são difíceis de esquecer e que não se perdem. Isto acontece porque às vezes as "imortalizamos", de uma certa forma, ao trazê-las num movimento recorrente para o que estamos a fazer.

Há uns anos com uma amiga, preparámos uma pista de sinais. Pelo caminho, tirei esta fotografia a um X de pedras que marcámos no percurso. As pistas, como o nome indica, são sinais traçados para indicar um percurso; quem está encarregue de traçar uma pista deve pensar sempre nos que vêm atrás de si e em como percecionam o espaço que estão a percorrer; e de um sinal de pista deve-se sempre avistar o próximo. Traçados com o que se encontra no percurso (pedras, galhos, ramos folhas...) os sinais devem ser discretos para que só quem os segue repare neles. Sempre que se depara com uma bifurcação assinala-se o '*caminho a seguir*' (→) e o '*caminho a evitar*' (×).

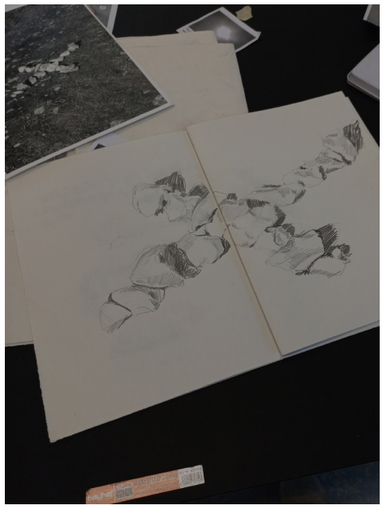


A marca do X neste seu contexto original representa um caminho a evitar, uma restrição, é um "*não vás por aqui*". Mas para além disso, simultaneamente representa uma marcação de um local específico, é uma marca num mapa, é uma marca de estar aqui, de é '*aqui!*'. Este X é também por isso um '*meeting point*', um ponto de encontro. Não quer dizer que estas traduções sejam opostas, mas são duas leituras coabitantes. Foi a pensar nesta segunda representação que guardei esta imagem do X - como *meeting point*.

De facto, já nessa altura guardava muitas outras imagens que projetavam um sentido específico para mim. As imagens são guardadas, de forma quase automática e intuitiva, sempre na perspetiva de voltar a pensar nelas, de perceber que contêm algo mais que o que está visivelmente presente. Daí serem tão poderosas e importantes. Estas imagens contêm um espaço que as atravessa e é transversal a outros objetos que nelas são representados. Ao guardá-las, também as arquivo e de forma inconsciente vão servindo de orientação, criando padrões, guias, diretrizes na minha forma de pensar e ver as coisas – (aqui as '*minhas referências*' enquanto as coisas que me vão moldando, guiando, ajudando a criar relação entre as coisas, a criar correspondências e ligações entre ideias e imagens).



Voltei a esta imagem do X mais tarde. Ao pensar sobre sinais e símbolos, tive consciência do seu forte potencial para representar ideias através de imagens simplificadas, mas tão efetivas. A capacidade de comunicar através de símbolos, de sinais, de códigos, não os que codificam as palavras, mas os que representam ideias, parece-me realmente poderosa e unificadora. Isso levou-me a trazer este X enquanto '*imagem*' para a minha parede do ateliê, com a convicção de não o esquecer.



Agora, o X feito de pedras que assinala o caminho torna-se *imagem* posicionada na parede. Há nela um corte, uma separação, um transporte, uma dissociação, uma transformação. Se pensarmos a *imagem**[49] como algo que corta, que retira o objeto do seu lugar e da sua matéria, transportando-a para outro espaço, apercebemo-nos que tornar-se *imagem* revela a capacidade do objeto se prolongar, e se expandir (se desprender dele próprio). É como se desse corte, desse distanciamento, se abrisse um novo espaço para pensar a potencialidade daquele objeto e do que pode ser para lá do seu corpo. Este distanciamento do seu contexto para a parede, provocado pelo fazer *imagem*, acontece também através de outras formas e materialidades. O desenhar a imagem, o imprimir e colar na parede, o ato de replicar noutro espaço, são tentativas de me afastar do original para pensar na sua potencialidade enquanto *símbolo**[50] e *significado**[51] , e também nos outros espaços e contextos que a imagem possa existir.

Esta *imagem* tornou-se, no tempo, parte do meu imaginário. Um imaginário construído a partir da acumulação de ideias, da reunião das coisas e das imagens recolhidas. E que vão sendo agrupadas e conectadas umas às outras, porque existe algo nelas que as relaciona: um qualquer eixo que, no meu imaginário, se tornou importante para pensar como transmitir ou traduzir informação através de *imagens-símbolos**[52].

Pausa. Escrevo um outro exemplo para entender a potencialidade de transmitir ideias através de imagens: *ler os sinais meteorológicos: compreender o significado dos padrões e formação das nuvens oferecia certamente aos humanos primitivos muitas informações uteis sobre o que estava para vir.– ler a paisagem* (Lunde, 2009, pp.12, 13), esta notação foi retirada de um livro sobre códigos.

Há algum tempo, enquanto fazia um mapa para um projeto, comecei a recolher imagens sobre sinais e códigos. O projeto*[53], construído em torno de desenhos e imagens sobre gestos do dia-a-dia, procurava pensava como é que se encontra nestes gestos banais a capacidade de representar o ato de cuidar. E como estes se poderiam tornar *símbolos.* Estes *gestos-símbolos**[54] apareciam para pensar: como é que as imagens, que representam as nossas ações do dia-a-dia, podem passar a ser símbolos/códigos? Como é que estas imagens podem chegar a outros?

Talvez seja assim que eu vejo e vivo com as imagens. Como se as traduzisse constantemente. Como se os encontros das imagens e entre nós e as imagens, necessitem desta tradução para que façam sentido e se insiram num certo contexto. Talvez seja assim que se passa quando as encontro: leio-as como se fossem *símbolos* ou códigos com um s*ignificado*. E ao vê-las, interpelando-as penso: esta *imagem* pode representar isto.

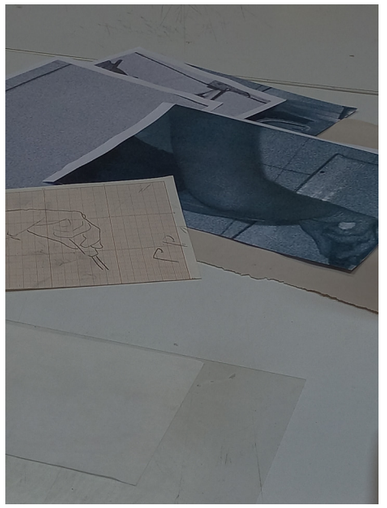
(...)compreender o significado dos padrões e a formação das nuvens oferecia(...)muitas informações uteis sobre o que estava para vir. (Lunde, 2009, pp.12,13) - padrões e formações que oferecem informação. Uma "formação", desenho, posicionamento, informa sobre determinada coisa. Um gesto, assim como uma expressão informa sobre determinada circunstância. São códigos, de comunicação, de conduta, de previsão, de simulação. São uma representação de uma determinada informação, o que quer dizer que uma *imagem* não tem de ser o que literalmente é, pode representar algo mais.

Entender *símbolos* como guias, como indicadores de possibilidades ou como desdobramentos do que as coisas podem ser: acho que os símbolos são essas duas partes, o que representam e o porquê daquela *imagem* representar aquilo.

Este X é, por isso, um *símbolo*. No gesto simples de duas linhas que se cruzam, existe um ponto em que se tocam. Este ponto só é um ponto de encontro porque está acompanhado por estas linhas que se cruzam, senão seria um ponto isolado, e aí seria algo diferente. Se pensar quais são as características desta imagem que nos levam a associar estas ideias, a sua essência, contida em si própria, talvez seja essa a sua potência. Ou seja, as *imagens* tornam-se estes *símbolos* porque têm uma potência para o serem. (o X — apesar de já ser um símbolo enquanto código de pistas - tem um significado definido neste contexto, por nele encontrar a potência para representar a ideia de ponto de encontro. E essa *imagem*, torna-se um *significado-símbolo* no contexto do meu projeto.

Este X voltou a aparecer quando estava a pensar nesta *imagem* (do X) no contexto de uma instalação: a pensar como é que objetos passam a ser *símbolos* e/ou *imagens*, afirmando ser algo para além do seu corpo material. Não estava a pensar no que o X se poderia tornar, mas no que já representa em si. Ao ser *imagem*, pode ser recolocado noutro contexto que não o inicial e continuar a fazer sentido e a cumprir o significado primeiro.

Trazemos sempre connosco uma grande bagagem do que fomos recolhendo ao longo da vida: formas de estar, de ser, de agir e os entendimentos e as definições das coisas. Esses entendimentos contribuem para as nossas leituras (das coisas). O que nos leva a atribuir determinado significado a uma imagem? É a pensar através dos objetos, das imagens que recolho, e também daquelas que produzo, que tento entender o que elas representam. E qual a melhor forma de as produzir, apresentar ou de reproduzir, para representarem o que pretendo.





49 *~~imagem~~*

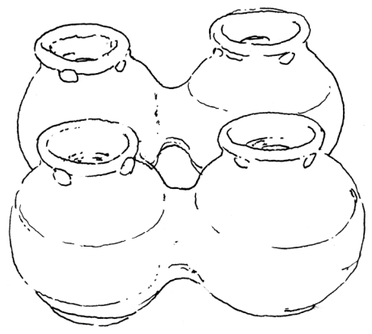
50 *~~símbolo~~*

51 *~~significado~~*

52 *~~imagens-símbolos~~*

53 tempo de espera ou espaço de encontro, 2022

54 *~~gesto-símbolo~~*



Four Linked Ceramic Pots
_Represents link and connection between things or ideas. It also symbolizes a strong sense of togetherness, of belonging to each other, a sense of common space.

Quatro Potes de Cerâmica Conectados; quatro potes de cerâmica unidos/conectados entre si, feitos como um só.
_Representa ligação e conexão entre coisas ou ideias. Pode também simbolizar uma forte sensação/sentimento/ideia de união, de pertença uns aos outros, uma ideia de espaço comum.

Continuo a pensar como é que os objetos poderiam ser um pouco mais do que representam: passo muito tempo a ver imagens. De uma forma intuitiva esta ação de reparar no que me rodeia, tornou-se um gesto inconsciente de observação. Nos livros, na rua, online. Encaro as fotografias, os objetos, as ações, como frames de ações, ou enquadramentos estáticos. Enquanto as imagens surgem como sinais ou pistas, olho para elas na procura de algo escondido na sua forma aparente. Como se tentasse percebê-las ao ler ou decifrar o que apresentam.*[55]

Neste processo disperso – porque muitas vezes é sem um rumo evidente*[56] – existem certas diretrizes inconscientes que me vão guiando através do que pesquiso, inventando um caminho mental construído a partir de associações e conexões. Essas conexões, formam mapas de ideias na minha cabeça. Estes mapas orientam a nossa forma de percecionar o que recolhemos e assimilamos, conectando pontas soltas*[57] de formas muito particulares.



Encontrei este objeto por mero acaso. Encontrei-o por acaso, mas no seguimento duma dessas pesquisas sem rumo evidente.

Esta pesquisa iniciada onde houver imagens, neste caso é digital, online. Em plataformas que muitas vezes relacionam imagens por semelhança e relação entre elas, a pesquisa em si reflete estes ambientes onde as encontro. Este é um fator importante para entender tanto a forma de pesquisar, como a forma de relacionar imagens. A pesquisa nas redes digitais, organiza-se através das conexões que fazemos, daí ser possível deambular sem rumo e encontrar um caminho nessa desordem.



Há uns tempos fiz uns fogareiros em cerâmica - fogareiro é um contentor para o fogo. Construí-os numa procura por gestos sobre cuidar, de cuidar do outro, de nos reunirmos. E refletia sobre o fogo, e em como o tempo que depositamos a manter o fogo aceso, é um ato de atenção e cuidado tão forte e evidente. A pensar em objetos/ações que representassem este gesto de encontro - contentores de cerâmica, como taças, potes ou fogareiros - o meu olhar direcionou-se para esta peça peculiar: Quatro potes de cerâmica conectados entre si, formando um só objeto.

55 Para Livia Flores, o Cinema sem Filme é isso mesmo. '*O que se vê no filme é intervalo, o que não está lá entre um fotograma e outro. Entende que toda visão é já interpretação, projeção do que se conhece sobre o que se vê, independente de haver ou não um mecanismo que lance imagens contra as paredes. Depois de 100 anos de cinema, cinemático é o nosso modo de ver e pensar o mundo, o que permite que cinema sem filme aconteça em qualquer lugar e situação, a partir de qualquer suporte*'. (Flores, 2015)

56 Muitas vezes provocado pelo digital. A experiência de encontrar imagens, tantas imagens, no ambiente digital provoca este estado de múltiplas possibilidades, e de desorientação.

57 As pontas soltas, são as coisas que encontramos e que aparentemente não têm relação. Apesar disso encontramos nelas algo que as conecta e em que se podem cruzar. Isto acontece também quando se leem as imagens como se fossem códigos que significam algo específico para nós – "marca de um X feito com pedras no chão".



As pontas soltas que segurava naquele momento – deste objeto encontrado e do contexto em que o procurava - uniram-se, criando dois espaços distintos onde este objeto poderia habitar. O que apresentava em si mesmo: a sua forma e materialidades, enquanto contentores, vasos de cerâmica, que estão unidos formando um objeto só. E o que poderia representar: as histórias de usos e as camadas narrativas; para que foi construído, qual era o seu uso ou a sua utilidade, e se teria sido um objeto utilizado; quais seriam as narrativas que acompanhou, os lugares que ocupou, o que guardava ou quem o guardava; seria um objeto sagrado, de ritual, ou do quotidiano?

A partir deste objeto, sem procurar muito de onde vinha, tentei encontrar outros semelhantes. E fui encontrando cada vez mais objetos conectados, literalmente conectados, ligados uns aos outros como se nem fossem para ser utilizados, mas quisessem apenas representar, desta união que lhes era implícita.

Havia algo na sua forma, estranhamente familiar*[58], que me fez repensar estes objetos-contentores. O interesse despertado pela forma, fez com que esta se dissociasse tão rapidamente da possível origem do objeto, que se tornou autónoma. Não que a origem do objeto não fosse importante (sendo origem aqui, o seu contexto original, a função para que foi pensado e utilizado) mas talvez houvesse algo mais que essa origem que o tornava invulgar/singular e por isso tão único. Esta dissociação - entre o que este objeto é ou foi no seu contexto original, e o contexto em que o encontro e posteriormente insiro - aconteceu talvez, e mais facilmente, por desconhecer a sua origem. Assim desprovido de história, de contexto, este objeto tem a possibilidade de se tornar num outro, e a capacidade de adquirir um novo *significado**[59] . E por ser imagem, talvez. (Talvez isto seja possível mesmo quando se conhece a sua origem. Talvez apenas seja mais fácil, desta forma que relato.)

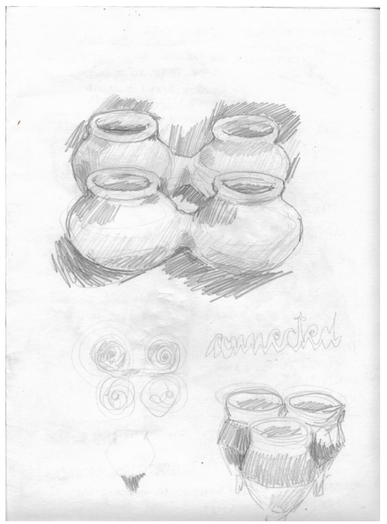
Na minha perspetiva esta dissociação acontece por dois motivos: numa primeira instância, porque entendo que há algo nos objetos que os permite serem autónomos da sua função ou contexto - contém em si uma força própria-, e a seguir, porque essa força aliada às nossas referências, permite-nos projetar *significados*, não necessariamente funções, mas ideias ou estórias do que eles poderão representar.

Voltemos ao objeto encontrado. Como já dito, havia algo na sua forma, estranhamente familiar, que abriu um novo portal de possibilidades no modo de pensar os objetos-contentores, e no modo de pensar objetos que falavam sobre encontros. O que me guiava na procura de objetos-contentores, e na interseção *deste objeto* com essa procura, redirecionou a minha pesquisa e leitura dos objetos nela inseridos. Esta conexão material presente no objeto, deixou-me consciente de outras ligações e conexões presentes noutros objetos e materiais, de forma tão significativa, que a pesquisa ganhou uma nova direção, dentro do caminho que já estava a seguir. Então, inseri-o numa nova pasta: *TOGETHERNESS**[60] .

Esta nova direção - que me leva a pensar no encontro como uma forma de conexão e ligação física, mas também imaterial, como um espaço de reunião e união entre corpos - acontece porque encontro neste objeto e nos outros semelhantes, uma *imagem**[61] comum e transversal a todos. Para mim, objetos que unem, que estão unidos, que formam um espaço entre eles*[62] falam sobre encontros, ou representam estes encontros. Falam de um espaço comum, partilhado, um espaço que não tem de ser físico, mas que atravessa diferentes dimensões e se materializa em conexões, transformações, convergências. Para além disso, representam estes encontros, porque ao pensar neles (nos encontros), encontrei nestes objetos as características que procurava. E também porque através da nossa memória coletiva (ou da minha memoria pessoal) há nestas formas unidas e circulares, indícios destes *significados*. São também conceitos comuns.

Este objeto específico, ao abrir portas a outros, tornou-se uma *imagem*. Este objeto, que encontro, tornou-se agora uma 'imagem' no sentido que representa um *significado* comum. Ao deparar-me com esta *imagem* houve uma abertura na forma de ver e percecionar a ideia de encontro. Este foi um ponto de viragem. Apercebi-me que no espaço material onde duas coisas se encontram, há uma serie de outros encontros não-materiais a acontecer – as tais trocas, e as tais conexões. Há identidades que se cruzam, formas que se alteram, histórias que se reescrevem – *transformações**[63] . São estes momentos de encontro, não só de reunião como evento, mas como um momento no espaço e no tempo, onde várias alterações ocorrem, porque nós e todas as coisas, somos feitos destas pequenas convergências, umas mais ocasionais que outras, que nos vão guiando e moldando.

Desenhei-o no meu caderno, para abrir espaço para pensar este objeto. Desenhei-o para pensar nele, para pensar noutros e que outros objetos semelhantes poderia fazer ou pensar a partir daquele. E para perceber o porquê de o reter na sua forma. Pois foi na sua forma, que encontrei o elemento que procurava para pensar estes *objetos-contentores*, e por isso precisei de o desenhar para o distanciar do objeto original. A forma é que falava do que eu procurava. Um



58 Estranhamente familiar, devido a certas formas e materialidades que estão presentes no nosso quotidiano e passam a fazer parte da nossa memória.

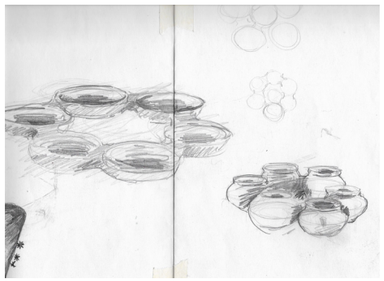
59 *~~significado~~*

60 _Pasta 04, Parte II, p.113

61 *~~imagem~~*

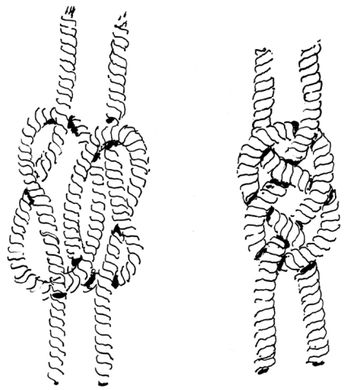
62 Espaço físico ou imaterial de encontro.

63 *~~transformação~~*



objeto é mais do que a sua forma traduz, é também os vestígios do que foi, da sua função, do contexto em que foi criado. Mas neste caso também se desprende disso, e passa a ser e a estar no contexto em que eu o insiro, passa a ser um novo objeto, ou mesmo um *significado* do que eu projeto nele.

Acho que os objetos/imagens que vou encontrando, de certa forma são como motores ou impulsos para produzir novos objetos a partir deles. O processo de tentar reproduzir algo ensina tanto a como fazer e a como desconstruir o que já existe. É um processo de transformação, em que se assimilam formas e materialidades e se tenta perceber pelas nossas mãos como chegar a elas, e assim se cria também um novo contexto para o novo objeto, quer seja construído ou reapropriado.



Knots That Bind
_Represents a knot or two ropes intertwined, twisted together and closely connected so as to be difficult to separate. It often symbolizes connection and collaboration between two different bodies

Nós que Unem
_Representa um nó ou duas cordas entrelaçadas, (torcidas) e intimamente ligadas de modo a serem difíceis de separar. Geralmente, simboliza conexão e colaboração entre dois corpos diferentes.

Nós e os nós. Nunca tinha pensado muito nas nossas relações (entre nós mesmos e entre nós e outros) como um nó. Talvez, por este ter sido um elemento sempre presente, ao longo do tempo foi-se entranhando essa forma de pensar na ideia de conexão e colaboração, através de nós e de amarras e de redes e de cordas. Estes enlaces foram sempre elementos que me transmitiram uma certa força e confiança.

Há pouco tempo, numa das minhas pesquisas, deparei-me com um ícone de um nó, que dava nome a uma pasta de imagens recolhidas. Sem conhecer o conteúdo, passei pelas imagens, pelos textos, e neles encontrei algumas pistas: sobre confiança/confiar, sobre cuidar, e estar atento e ouvir, sobre laços, conectar e criar laços, sobre integrarmo-nos. Comecei então a entender aquele nó, como uma ligação, uma conexão, como uma *imagem**[64] de uma relação intrínseca a algo. Dentro daquelas imagens o nó era a tradução literal dessa conexão que elas falavam. (O nó como conexão/link, presente nas práticas e processos de pesquisa, inerentes ao projeto; como conexão/relação entre elementos, tal como um diagramas; e como conexão entre coisas que se contaminam e se transformam, enquanto processo material e mental)

Um parenteses sobre formas de ler as coisas: Há momentos em que o nosso cérebro faz um clique face à informação que estamos a processar, certo? Geralmente comigo, esse momento acontece com títulos, ou legendas, ou descrições, (quer sejam palavras/imagens/símbolos – "guias") quando acompanhadas por um conjunto de outros elementos. A nossa interpretação desse conjunto é muitas vezes orientada e moldada, levando-nos a lê-lo através dessas "guias". Apesar de já orientar o modo como relaciono coisas e elementos desta maneira, talvez tenha sido através desta pasta específica que comecei a pensar no elemento do nó como um conector, como uma possibilidade de representação material destas conexões imateriais e subjetivas.

Primeiro pensei naquele nó em específico daquela pasta, como um *símbolo**[65] de conexão, e depois em todos os nós que conhecia. Nós, ligações, laços, redes, teias. Nós para atar duas cordas com a mesma grossura, nós para unir cordas com grossuras diferentes, nós para atar cordas a outros objetos, nós para encurtar ou aumentar o comprimento de uma corda, nós para fazer nós, nós para carregar objetos.

Para além da funcionalidade adjacente a um nó*[66], um laço, há algo de poético nessa utilização e na forma como as cordas se entrelaçam umas nas outras, tornando-se mais fortes, ou mais compridas, ou mais

64 *~~imagem~~*

65 *~~símbolo~~*

66 Enodar (verbo) 1. Fazer nós em; 2. Tornar nodoso; 3. Ligar por meio de nó. "enodar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, https://dicionario.priberam.org/enodar

práticas para uma função concreta. Não só nós me interessavam, mas coisas entrelaçadas, redes, fios, amarras… Uma laçada que cumpra o seu objetivo, que seja eficiente, e esteja bem executada, tem uma força superior a um fio solto e desenrolado. É uma união entre duas partes que se diluem, criando uma força maior.

Aprendi a aplicar e a fazer nós quando era mais nova. Aprendi a fazê-los e depois a aplicar em construções ou outras finalidades. As cordas e os fios, sempre tão próximos, permitiam-me montar uma tenda, puxar um toldo, fazer de um conjunto de varas uma cozinha, atar coisas para transportar. Ou então para pequenas coisas para usar, pulseiras, fios entrançados, e amarrados para trazer sempre comigo. Apesar de adorar e querer dominar a técnica, só mais tarde assim que comecei a ensinar a outros, entendi quais as características que os tornavam tão específicos para certas utilidades. Perceber a sua potencialidade e utilidade torna-os mais fortes, e torna a sua utilização mais eficiente.

Podemos pensar nos nós através da sua função: há uns que se unem um ao outro, uns para unir cordas diferentes, uns para distribuir peso ou a força. Todos sempre numa relação de interação (ao unir) de um corpo com o outro. Esta interação acontece também entre nós e as coisas, e entre as próprias coisas: são ligações físicas, materiais, que vivem das tensões entre objetos/elementos. Há uma praticabilidade inerente aos nós, que se reflete na forma como penso a forma como estabelecemos relações (as ligações materiais criadas a partir da união física de uma laçada em comparação com as ligações relacionais entre seres). Há certas coisas que são observáveis no dia-a-dia, e que fazem paralelismos com estas interações.

Se pensarmos nas funções práticas dos nós - a capacidade de com um nó, se distribuir forças e pesos, nas uniões que criam entre diferentes elementos, ou como são utilizados para agrupar ou carregar ou puxar – e compararmos com as interações humanas e entre outros elementos, também nelas encontramos essas relações de tensão ou de convergência. É curioso reparar nestes paralelismos entre coisas muito concretas e observáveis, e outras menos tangíveis, e perceber que estas ligações, embora diferentes, apresentam semelhanças.

Talvez estes nós, no meu projeto, sejam mais que representações materiais de cordas que se entrelaçam. Talvez sejam ilustrações de formas de conectar coletivamente, não necessariamente em grupos grandes, mas em múltiplos, em conexões múltiplas, em reuniões.

Entrelaçar (~ interconectar ~ interligar): processo de nos relacionarmos com algo e de estabelecermos uma ligação entre dois corpos. Ficarmos entrelaçados é ficarmos intimamente/estritamente conectados, ligados, de tal maneira que é difícil de separar*[67]. Este processo não é necessariamente físico, mas a fisicalidade dá-lhe o corpo que precisa para se tornar percetível. Como num nó em que duas cordas se entrelaçam.

Nós como fluxos de interações: Quando uma coisa está em nó, está a interagir consigo própria, está entrelaçada, um pouco como as nossas interações. Podemos pensar nas nossas interações, como se nos intersetássemos e tocássemos (através das nossas ideias, e palavras, e intenções), trocando coisas que nos são interiores, que nos atravessam. Há um cruzamento, um atravessamento dos corpos, como um nó, estas 'trocas' são como um nó, são conexões*[68].

Estas tais conexões múltiplas - que procuro que aconteçam entre os objetos que reúno, e nos espaços onde os mesmo se encontram – são representações dos diagramas e associações mentais que acontecem durante o processo de produção e de exposição. Num processo prático e mental de construir uma imagem ou um objeto estas conexões estão presentes. E se este processo for traduzido para uma corda com nós, é como se a cada nova imagem que se junta ao meu mapa de referências, desse um novo nó numa corda. Aos poucos a corda vai começando a ganhar um certo corpo, como uma rede de pequenas ligações que a fazem crescer no espaço. Ao mesmo tempo, no espaço (expositivo ou instalativo) em que as coisas são colocadas lado a lado procuro que os elementos se entrelacem. Refiro-me a objetos, imagens, diferentes elementos com diferentes materialidades. Ao colocá-los juntos, pretendo que, como num diagrama, os diferentes elementos se coloquem em relação uns com os outros, e com quem os encontra: que os seus diferentes significados se interliguem, acrescentando algo uns aos outros.

Com estas comparações – entre os nós dos enlaces e as conexões que são estabelecidas nas interações que temos – apercebi-me que estes modos de conectar coletivamente, em reuniões, estão muito relacionadas com a ideia de círculo. Também no círculo, é comum o espaço que partilham e as trocas que ocorrem entre todos.

67 Da definição de 'intertwined, adj.: twisted together or closely connected so as to be difficult to separate.' (entrelaçado, adj.: torcido entre si ou estreitamente ligado de modo a ser difícil de separar.) Em Cambridge Dictionary, https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/intertwined

68 Uma outra forma de pensar estas conexões, através de definições de nós (teoria dos nós – matemática): *(…) estes nós são os mesmos que os nós dos marinheiros, alpinistas, escoteiros. Só que os nós estudados pelos matemáticos, estão num plano abstrato, a linha que os amarra, por exemplo, pode ser infinita. E também finíssima, permitindo inúmeros cruzamentos e amarras.* (Montenegro 2004)

Considerações Finais

Por pensar muito com as mãos, foi um desafio pensar com as palavras, e atribuir palavras a gestos que eram sem nome. Quando comecei este texto entendia as imagens como uma representação muito mais fiel às ideias, e aos pensamentos, do que as palavras (um pouco como o ditado que conhecemos: uma imagem vale mais que mil palavras). Ao escrever, sentia que estava a dar nomes e formas a coisas que não precisavam de ter uma forma definida e concreta. As formas, achava eu, materializavam-se nos objetos que ia construindo, e nos espaços que eles definem. Entendia esta montagem e associação como uma cenografia, em que disponha elementos, para ensaiar e especular sobre as diferentes formas de criar espaços de encontros.

Só quando comecei a organizar as minhas notas escritas, a fazer diagramas e esquemas das ideias representadas pelas formas materiais, é que me apercebi que deste modo estava também a especular. Estava a criar novos caminhos e direções por onde podia continuar a produzir significados. Também a ideia de que um objeto pode ser espaço – a carrier bag –, permite que as coisas se alterarem na produção de novas formas de si mesmas, facto que só se deu conta no exercício da escrita. (E, em especial, com a escrita de Ursula Le Guin). Este foi um encontro importante. A partir daqui é possível pensar nos outros objetos produzidos enquanto espaços de encontro: como contentores das referências que os antecedem, como materializações das transformações e por isso espaço e resultado de especulações.

Apesar de haver algumas ideias vagas e abstratas, o projeto parte de uma ideia que espero que seja muito próxima a todos: a do encontro. Cada um, à sua maneira, com as suas próprias referências, aproxima-se da ideia de encontro. A procura por definições ou representações não é, por este motivo, definitiva nem impositiva, mas sim uma busca por desconstruir e alargar este entendimento. É uma procura por significados e por imagens comuns, a partir das minhas imagens pessoais, porque só poderia partir do que conheço.

Assim, e por tudo isto, neste espaço – o do meu processo de trabalho e consequentemente do relatório e da exposição que se seguirá – procuro um lugar comum. Entre nós, entre nós e as coisas, um lugar comum, no qual estamos dispostos a partilhar e a trocar ideias, a permitir que se perpetue este ciclo de transformações de que fazemos parte, num ciclo contínuo de encontros.

Bibliografia e Webgrafia

AAVV. 2022. The Milk of Dreams: Biennale Arte 2022: Short Guide. n.d. [Veneza]: La Biennale di Venezia, 2022.

Fisher, Elizabeth. 1980. ‘The Carrier Bag Theory of Evolution’. In Woman’s Creation: Sexual Evolution and the Shaping of Society. pp. 56–61. New York : McGraw-Hill Book Co.
[Livro disponibilizado em: https://archive.org/details/womanscreationse00fish] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Flores, Lívia. 2015. ‘Cinema Sem Filme é Isso’. Arte & Ensaios, junho 2015. [Disponivel em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/10232] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Hundert, Anna. 2022. ‘A Carrier Bag Theory of Revolution’. Ploughshares (blog). 2022. https://pshares.org/blog/a-carrier-bag-theory-of-revolution/. Consultado em: 4 de setembro de 2024

Le Guin, Ursula. 2022. ‘A Ficção Como Cesta: Uma Teoria (1986)’. In A FICÇÃO COMO CESTA: UMA TEORIA e Outros Textos, translated by (traduzido por) Sofia Gonçalves, 2aed. pp.5–27. Dois Dias Edições.

Le Guin, Ursula K. 1989. ‘(1986) The Carrier Bag Theory of Fiction’. In Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places. pp.165–70. New York: Grove Press.
[Versão online em: https://monoskop.org/media/text/le_guin_1989_dancing_at_the_edge_of_the_world/#c25]Consultado em: 4 de setembro de 2024

Lunde, Paul, ed. 2009. ‘Os Primeiros Códigos’. In Grande Livro Dos Segredos Dos Códigos, translated by Luis Santos, Pedro Gomes, Pedro Vidal, and Maria do Carmo Romão, 7474 ed., 12–40.

Montenegro, Érica. 2004 ‘Nó da Matemética’. Super Interessante. https://super.abril.com.br/ciencia/no-da-matematica. Consultado em: 4 de setembro de 2024

Seu, Mindy. 2023. ‘Introduction’. In Cyberfeminism Index. pp.11–13. Los Angeles: Inventory Press.

Bibliografia consultada:

Cluitmans, Laurie, ed. 2021. ON THE NECESSITY OF GARDENING: An ABC of Art, Botany and Cultivation. Valiz, Amsterdam.

Hudek, Antony, ed. 2014. 'SUBJECT, OBJECT, THING'. In Documents of Contemporrary Art: The Object. Co-published by Whitechapel Gallery and The MIT Press.

Referências Artísticas

Aby Warburg, Panel C, Mnemosyne Atlas, 1929. [url: https://warburg.sas.ac.uk/archive/bilderatlas-mnemosyne] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Batia Suter: 'Surface Series (Table Selection)', (2010-2011). [url: https://www.batiasuter.org/] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Francis Alÿs (em colaboração com Cuauhtémoc Medina e Rafael Ortega), Cuando la fe mueve montañas (When Faith Moves Mountains) (2002), Lima, Peru [url:https://francisalys.com/when-faith-moves-mountains/] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Historical Capsules, The Milk of Dreams, Biennale Arte 2022, Arsenale, Padiglione Centrale [url: https://www.labiennale.org/en/art/2022/historical-capsules] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Jeremy Deller, Speak To The Earth And It Will Tell You (2007-2017), Skulptur Projekte Münster. [url: https://www.jeremydeller.org/SpeakToTheEarth/SpeakToEarth.php] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Joëlle Tuerlinckx, «THAT'S IT!» + 3 free minutes (2014). [url: https://youtu.be/okHCkbjjv20?si=c3afk1aPMYIaB1Wo] [sobre o Projeto: https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/bmw-tate-live-2014/bmw-tate-live-joelle-tuerlinckx] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Lexie Smith, Bread on Earth, (ongoing research project) [url: https://bread-on.earth/]

Jonas Mekas, As I Was Moving Ahead Occasionally I Saw Brief Glimpses of Beauty (2000), [url: https://mubi.com/pt/pt/films/as-i-was-moving-ahead-occasionally-i-saw-brief-glimpses-of-beauty]

Jonas Mekas, Diary, (03/2010 – 09/2018). [url: https://jonasmekas.com/diary/]Consultado em: 4 de setembro de 2024

Ken Isaacs, Ken. 1974. How To Build Your Own Living Structures. New York: Harmony Books [Disponivel em: https://monoskop.org/Ken_Isaacs]Consultado em: 4 de setembro de 2024

Remy Charlip's Imaginary Dances [url: https://soundcloud.com/user-47283966/remy-charlips-imaginary-dances?utm_source=clipboard&utm_campaign=wtshare&utm_medium=widget&utm_content=https%253A%252F%252Fsoundcloud.com%252Fuser-47283966%252Fremy-charlips-imaginary-dances] Consultado em: 4 de setembro de 2024

"Survivalist tiny dorms at Frank Lloyd Wright's Taliesin architecture school", [url: https://faircompanies.com/videos/survivalist-tiny-dorms-at-lloyd-wrights-taliesin-arq-school/] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Thomas Hirschhorn, "Flamme éternelle" (2014), Palais de Tokyo, Paris [url:https://www.thomashirschhorn.com/flamme-eternelle-palais-de-tokyo-paris/] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Thomas Hirschhorn, «Bataille Monument» (2002), Documenta 11, Kassel, [url: https://www.thomashirschhorn.com/bataille-monument/] Consultado em: 4 de setembro de 2024

Anexos I (legendas das imagens dos mapas)

Parte II
Mapa catching a sunlight
pp.



David Katz, Psychological atlas: with 396 illustrations, (1948), p.318, (captura de ecrã) [Disponivel em: https://archive.org/details/psychologicalatl00katzrich/psychologicalatl00katzrich/]



Maria Trabulo, Digging the desert, (2019) (captura de ecrã) [url: https://vimeo.com/user45626494]



Francis Alÿs, Script ‘Sandlines’ Tournage II (May 2019), livro, p.23 (captura de ecrã) [url: https://francisalys.com/ebooks/FrancisAlys_Sandlines_TournageII/#page=22]



Rupert Residence, Research trip of the Alternative Education Programme (2022), Vilnius, Lituania (captura de ecrã) [url: https://www.instagram.com/p/Cf_ZLygqx-w0/?utm_source=ig_web_copy_link&img_index=1 rupert residency]



Henk Wildschut, Choucha Camp, Tunisia-July (2011), photograph, in Cluitmans, Laurie, ed. 2021. ON THE NECESSITY OF GARDENING: An ABC of Art, Botany and Cultivation. Valiz, Amsterdam. [disponível também em: https://galleryviewer.com/en/artwork/38866/choucha-camp-tunisia]



Jeffrey Shaw, Theo Botschuijver and Sean Wellesley-Miller, Aqua Airground, Amsterdam, (1972)

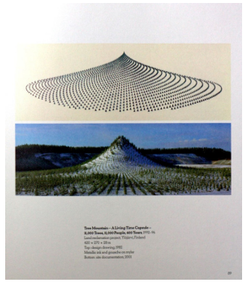


[url: https://www.are.na/block/9702325]



Chris Marker, SANS SOLEIL, 1983

Parte II
Mapa JOIN IN CIRCLES
pp.



Agnes Denes, Tree Mountain - A Living Time Capsule-11,000 Trees, 11,000 People, 400 Years, 1992-96, (420 x 270 x 28 meters) Ylojarvi, Finland



Christo and Jeanne-Claude, Surrounded Islands, Biscayne Bay, Greater Miami, Florida 1980-83



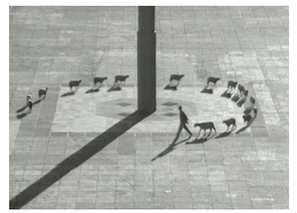
Agnès Varda (still), (origem não identificada)



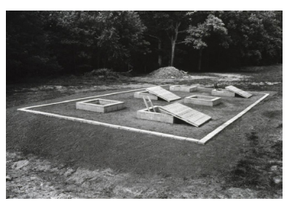
Carlos de Jesus, THE DEVIL IS A CONDITION, 1972, USA, 25 min.



Alice Aycock, Maze, 1972



Francis Alÿs, Cuentos patrióticos,1997, Mexico



Alice Aycock, Project for a Simple Network of Underground Wells and Tunnels, 1975/2012



Francis Alÿs and Cuauhtémoc Medina. 2005. When Faith Moves Mountains (Cuando La Fe Mueve Montañas). Madrid: Turner. p.170-171 (captura de ecrã) [url: https://francisalys.com/ebooks/FrancisAlys_WhenFaithMovesMountains_Turner_2005/#page=170] Consultado em: 4 de setembro de 2024



Francis Alÿs. Cuando la fe mueve montañas (When Faith Moves Mountains), 2002, Lima, Peru, 15:09 min





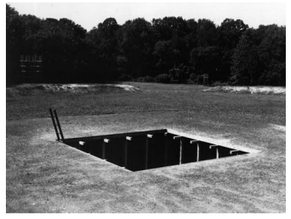
Lee Kun-yong, Logic of Place, 1975



Lonnie van Brummelen & Siebren de Haan, Monument of Sugar - how to use artistic means to elude trade barriers, 2007, 16mm film, colour, 67 min. Courtesy: the artists and Motive Gallery, Brussels



Francis Alÿs. Children's Games. Edited by Marente Bloemheuvel and Jaap Guldemond. Eye Filmmuseum, Amsterdam. [url: https://francisalys.com/ebooks/FrancisAlys_ChildrensGames_EyeFilmMuseum_2020/#page=1] Consultado em: 4 de setembro de 2024



Mary Miss, Perimeters/Pavilions/ Decoys, 1977-1978



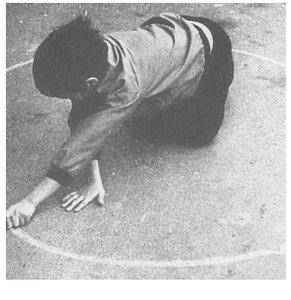
Kamran Shirdel(dir.), Qaleh (Short), 1966



Mauricio Pezo, Sofia von Ellrichshausen ,Circular, Ascot, 2005, UK



Keith Arnatt, Self-Burial (Television Interference Project), 1969



Oswald Mathias Ungers, Morphologie: City Metaphors, 1982



Richard Long, 'Turf Circle', 1966



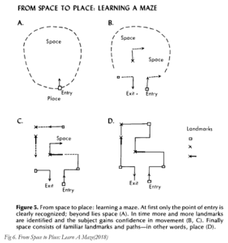
Sigurdur Gudmundsson, Rendez-vous, 1976



Tengiz Abuladze (dir.), The Wishing Tree, 1977



Tony Cragg, Stone Circle, 1972

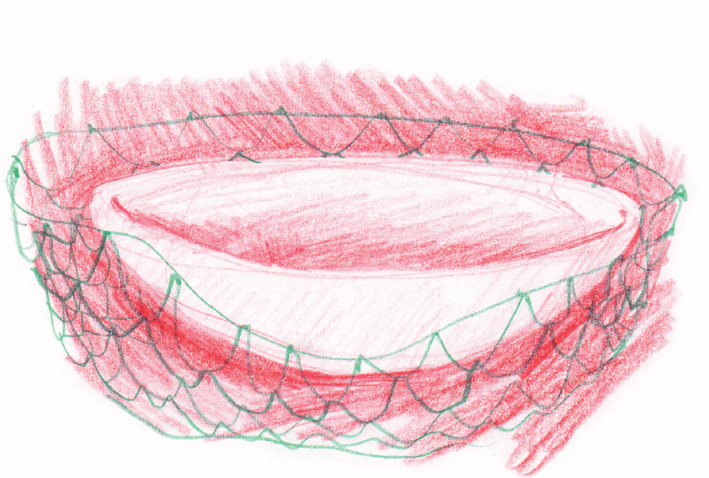


Yi-fu Tuan , Space and Place : The Perspective of Experience, 2001 (diagramas e ilustrações do livro)

Links para as pastas (channels) do are.na onde as imagens estão arquivadas:
https://www.are.na/leonor-talefe/notes-from-the-field

https://www.are.na/__-join-in-circles-__/notes-from-the-field-xzademauz2i

https://www.are.na/leonor-talefe/dis-connection-cyc38644p8c



ponto de contacto

lugar comum

imagens que falam de encontros

com amor, te recolho

espaço de partilha e de encontro

JOIN IN CIRCLES

cabana ou abrigo

a mão como espaço ou como gesto, de atenção, de cuidado, de encontro

texto-statment

formas de conectar

sobre gestos de cuidar e de atenção

still there are seeds to be gathered

Folha de sala/diagrama

Anexos II

(Documentação da exposição do projeto *JOIN IN CIRCLES: Especulações sobre espaços de encontro*)

Nota: A exposição que se segue foi o momento de apresentação do projeto *JOIN IN CIRCLES: Especulções sobre espaços de encontro*. Os objetos que foram desenvolvidos ao longo do projeto apresentaram-se como uma pausa no processo criativo e de experimentação, e encontravam-se organizados e dispostos em forma de diagrama.

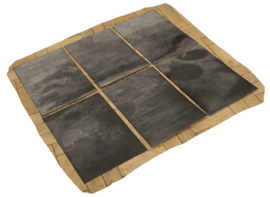
A folha de sala (imagem na página anterior) que acompanhou a exposição funcionou como uma tradução escrita desse diagrama, em que cada objeto é representado por uma ideia.

Seguem-se imagens dos objetos acompanhados pelo diagrama da folha de sala, para relacionar as palavras aos objetos, seguidos de algumas imagens do panorama geral da exposição, e por fim a documentação dos objetos da exposição.

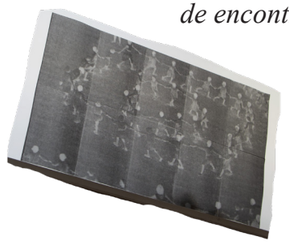


lugar comum

ponto de contacto



imagens que falam
de encontros



com amor,
te recolho



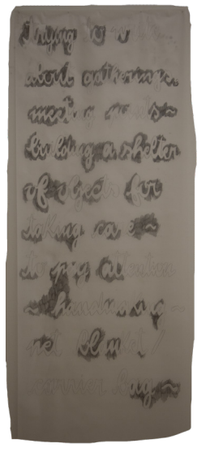
cabana ou
abrigo

espaço de partilha e
de encontro

JOIN IN CIRCLES



texto-statment



a mão como espaço ou
como gesto, de atenção, de
cuidado, de encontro





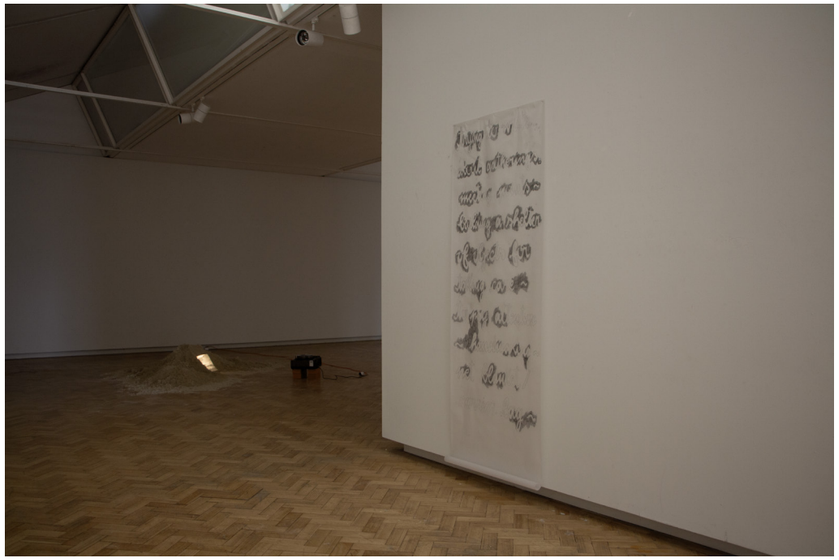
formas de conectar



sobre gestos de cuidar
e de atenção



still there are seeds to be gathered













Panorama geral da exposição do projeto *JOIN IN CIRCLES: Especulações sobre espaços de encontro*











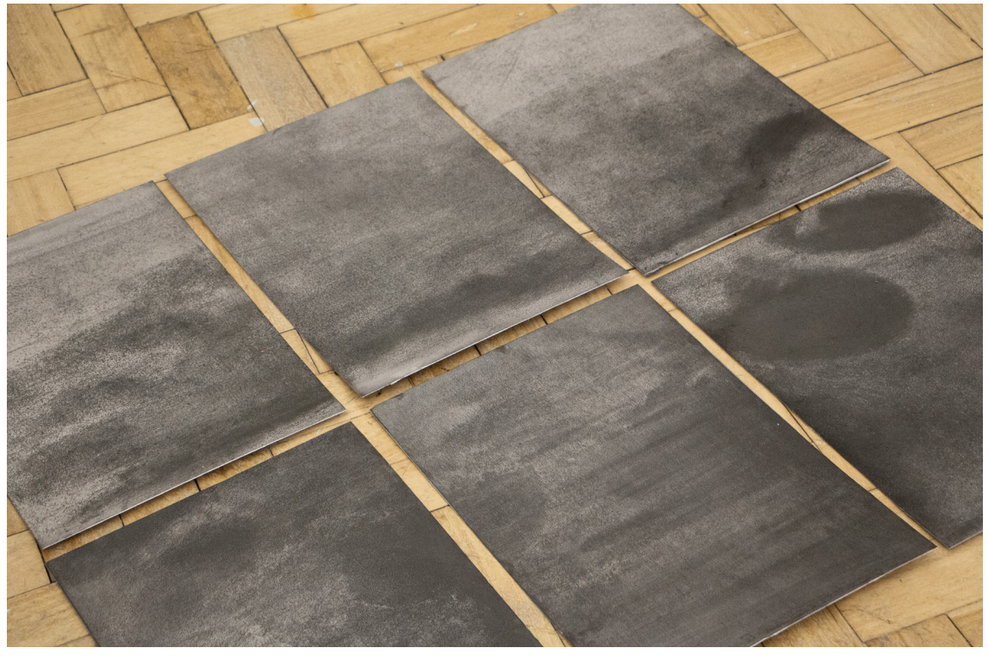








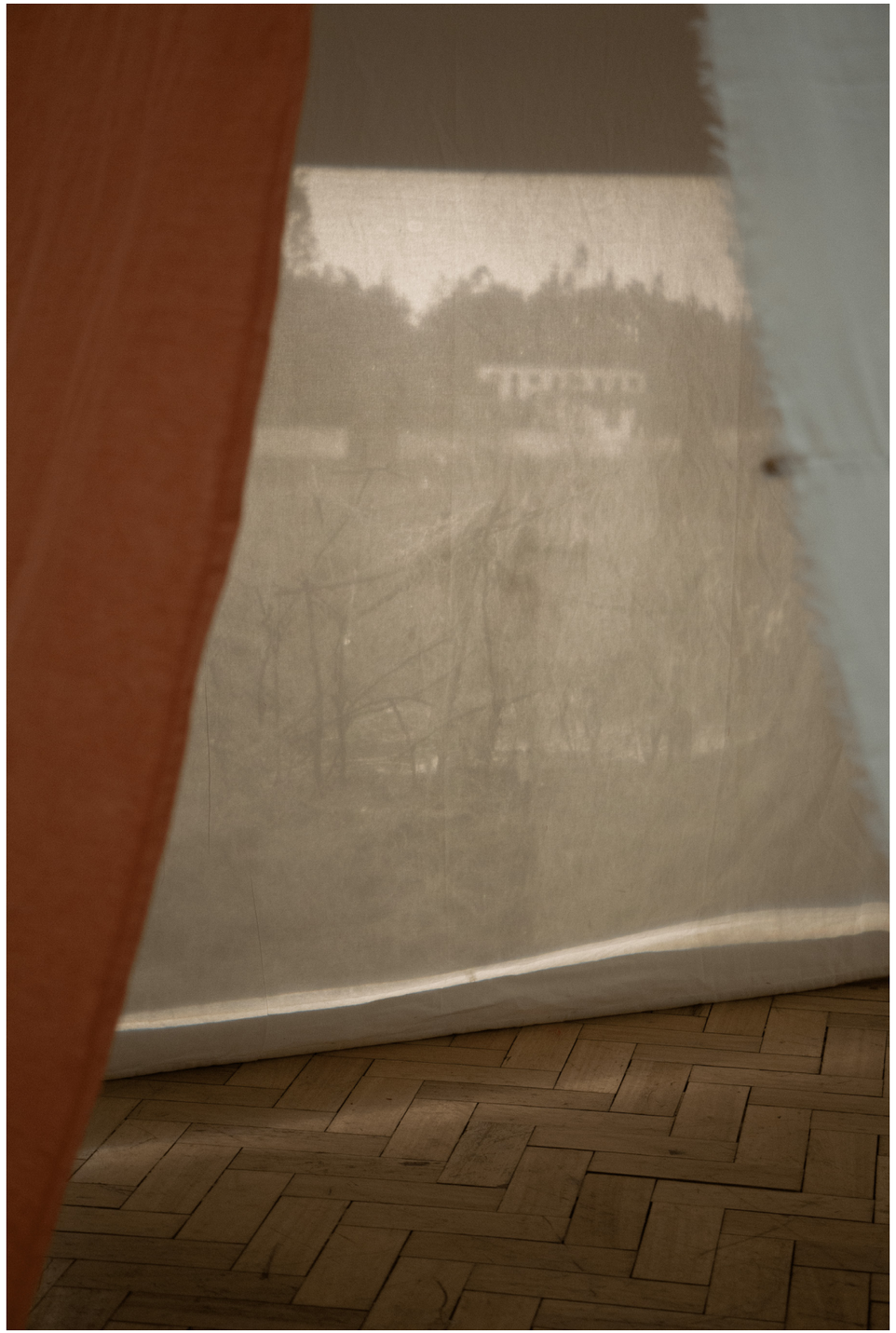


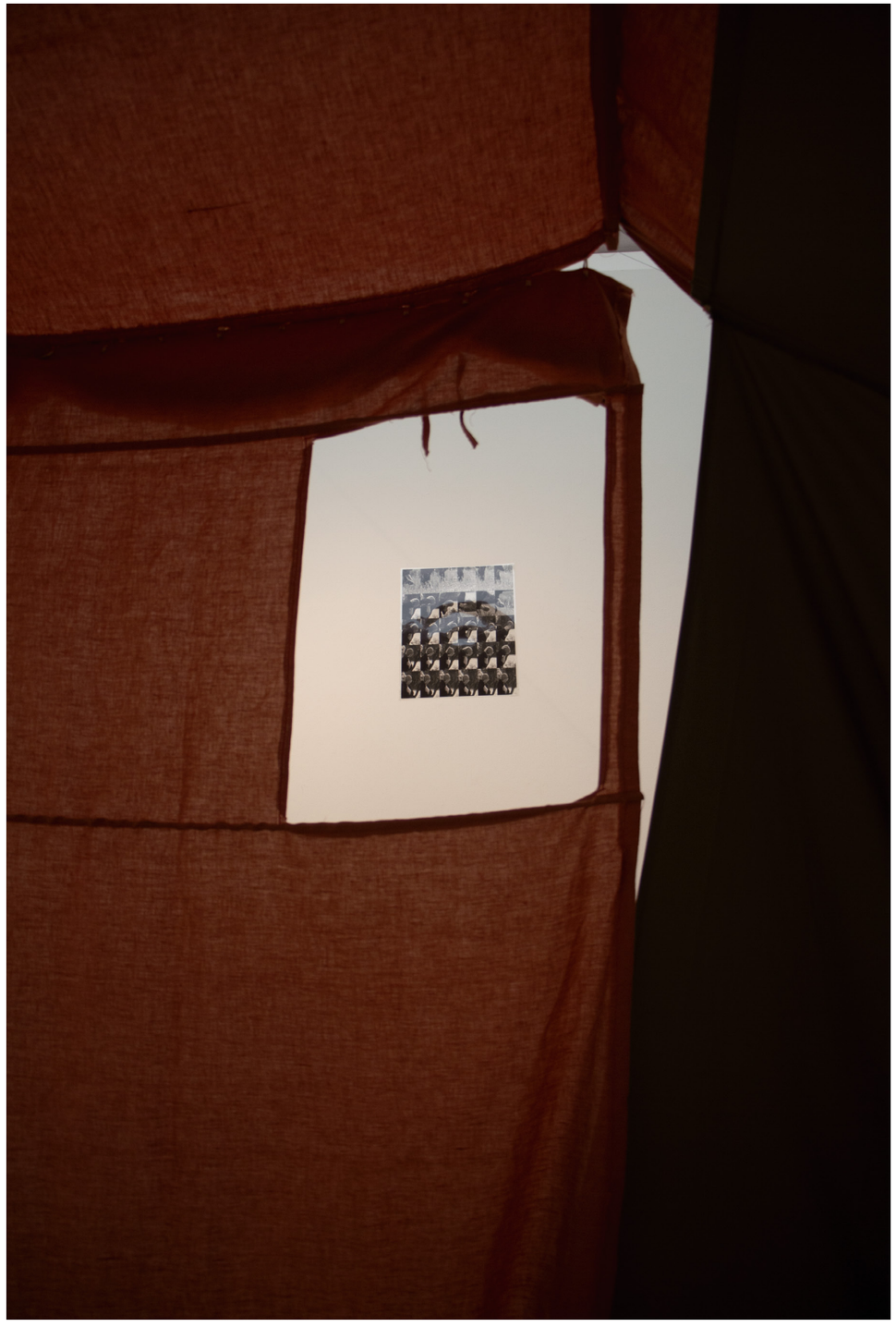







































2024